



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

WILSON PAULO BATISTA

**HOJE É DIA DE REIS MEU AMO! ABRE A PORTA QUE O REISADO TA
PASSANDO: História e memória do reisado da região de Picos na perspectiva do dono
de reis**

PICOS – PI
2013

WILSON PAULO BATISTA

**HOJE É DIA DE REIS MEU AMO! ABRE A PORTA QUE O REISADO TA
PASSANDO: História e memória do reisado da região de Picos na perspectiva do dono
de reis**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Eu, **Wilson Paulo Batista**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 25 de setembro de 2013.

Wilson Paulo Batista

Assinatura

Assinatura e rubrica
do(a) autor(a)
em 25/09/2013
Picos-PI

25/09/2013

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B333h Batista, Wilson Paulo.
Hoje é dia de reis meu amor abre a porta que o reisado tá passando: história e memória do reisado da região de Picos na perspectiva do dono de reis / Wilson Paulo Batista. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (75 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1. História. 2. Memória. 3. Cultura Popular - Piauí. 4. Reisados I. Título.
CDD 301.298 1

WILSON PAULO BATISTA

**HOJE É DIA DE REIS MEU AMO! ABRE A PORTA QUE O REISADO TA
PASSANDO: História e memória do reisado da região de Picos na perspectiva do dono
de reis**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídeo
Nunes de Barros, da Universidade Federal do
Piauí, como requisito necessário para obtenção do
grau de Licenciatura em História.

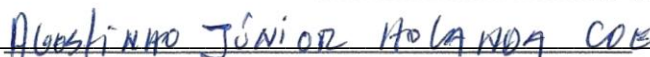
Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa
Monteiro

Monografia aprovada em: 23 / 09 / 2013

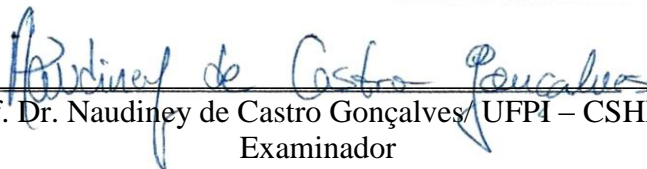
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro / UFPI – CSHNB
Orientador



Prof. Ms. Agostinho Junior Holanda Coe/ UFPI - CSHNB
Examinador



Prof. Dr. Naudiney de Castro Gonçalves/ UFPI – CSHNB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar meus agradecimentos, que, diga-se de passagem, não são poucos, as pessoas especiais que contribuíram direta e indiretamente para conclusão desse trabalho, que caracteriza mais uma etapa importante na minha vida.

Agradeço em primeiro lugar como Cristão que sou, a Deus, por tudo que me ofereceu nessa vida, entre eles: o dom da sabedoria, discernimento e principalmente a paciência necessária para atingir os meus objetivos e superar os obstáculos que sempre se fizeram presentes na minha vida.

Agradeço ao meu Pai, Vicente Batista Filho, pelo exemplo de Pai e de homem que só tem a contribuir para fazer dessa sociedade uma sociedade melhor, e que com seu esforço e empenho lutou pelo bem estar da família e também da minha formação acadêmica e profissional.

A minha mãe, Rita Maria da Conceição Batista, pelo o amor, carinho e dedicação e principalmente por deixar seus afazeres de lado para se preocupar com as minhas preocupações, agradeço o seu amor incondicional e incalculável..

A minha irmã, Silvaneide da Conceição Batista, que mesmo distante sempre torceu e torce por mim, sem deixar de lado a sua preocupação pelo bem estar da família, a essa pessoa eu só tenho a agradecer.

A Gessica Fransoalves, pela paciência de estar ao meu lado em todos os momentos especiais, agradeço também pelo o amor, amizade, cumplicidade e em especial pelo seu carinho em todos os momentos para com a minha pessoa.

Ao Professor Mestre, Francisco Gleison da Costa Monteiro, pela paciência e amizade durante essa etapa de conclusão de Curso e pela sua grande contribuição para a confecção deste trabalho, ao meu Orientador, o meu muito obrigado.

A todos os professores que fizeram parte do quadro de docentes do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, desses quase cinco anos de curso, ao professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, José Lins, Olívia Candeia, Nilsângela Cardoso, Frederico Osanan, Ana Paula Cantelli, Ana Maria Kock, Marylu Oliveira, e aos demais professores agradeço grandemente.

Como as melhores coisas sempre chegam por ultimo, ofereço os meus sinceros agradecimentos, aos meus amigos mais do que irmãos, Theydson Willer, José Waldir, Bismarck Santos, Jailson Izidório (nosso grande pai), Haroldo Borges, Roberto Leonardo, Francisco Silva (Chiquim), Jefferson Bispo, Jailson Dias. Aos demais alunos que se formaram

comigo, só tenho a agradecer por tudo e lhes oferecer o meu muito obrigado. Sendo assim, a nossa amizade, é equiparada a ideia do Grande filósofo Platão onde o mesmo diz: “A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro”. Por tudo isso e muito mais, eu só tenho a agradecer por tê-los ao meu lado, a todos o meu muito obrigado.

“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente.”

Roger Von Oech

RESUMO

A pesquisa intitulada, “HOJE É DIA DE REIS MEU AMO! ABRE A PORTA QUE O REISADO TA PASSANDO: História e memória do reisado da região de Picos na perspectiva do dono de reis” tem por objetivo, analisar o Reisado na Região de Picos, especificamente as três comunidades entre elas, Bocolô (Picos), Sussuapara (PI) e Sítio Salvador (Santo Antônio de Lisboa-PI). Como importante experiência cultural, capaz de levar entretenimento e sociabilidade as comunidades tanto da cidade de Picos, como nas regiões vizinhas. Além de analisarmos as mudanças e permanências que permeiam a cultura chamada reisado, entre essas três regiões, sem deixar de lado as comparações feitas com outras regiões do Brasil. Outra importante abordagem de análise está inserida no estudo sobre as memórias desses indivíduos praticantes de reisados, onde nos possibilita compreender e entender, o porquê de se realizarem tais ações capazes de gerarem entre as comunidades envolvidas, sentimentos de amizade, companheirismos e pertencimento ao meio em que a cultura reisado está inserida. Por fim, cabe destacar que a pesquisa histórica, busca através das memórias de homens velhos, dar voz e vez a esses indivíduos e oferecer possibilidade de manifestarem suas ideias referentes a tais experiências culturais, e ao mesmo tempo de mostrarem o que permaneceu e o que se transformou de acordo com as mudanças de tempo e espaço no decorrer da história.

Palavras-chave: História. Memória. Cultura. Gênero. Reisados.

ABSTRACT

The research titled, "TODAY IS THE DAY MY LOVE KINGS! OPENS THE DOOR AT THE PASSING Epiphany: Epiphany History and Memory in the region of peaks in the perspective of the owner of Kings "aims to analyze the Epiphany in Peaks Region, specifically the three communities between them, Bocolô (peaks), Sussuapara (PI) and Sitio Salvador (Saint Anthony of Lisbon-PI). How important cultural experience, capable of leading entertainment and sociability communities of both the city of Picos, as neighboring regions. In addition to analyzing the changes and continuities that permeate the culture called Epiphany, among these three regions, without leaving aside comparisons with other regions of Brazil. Another important analysis approach is embedded in the study on the memories of those individuals practicing reisados, which enables us to comprehend and understand, why is accomplished actions capable of generating between communities, feelings of friendship, belonging fellowships and the environment in which culture Epiphany is inserted. Finally, it is worth noting that historical research, search through the memories of old men, and instead give voice to these individuals and offer opportunity to express their ideas concerning such cultural experiences, and at the same time showing what remained and what changed according to the changes of time and space throughout history.

Keywords: History. Memory. Culture. Genre. Reisados.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** Mapa da Cidade de Picos, Sussuapara (PI-407) e Santo Antônio de Lisboa 33
- Figura 02:** Sr, Samuel de Araujo Rocha de 60 anos, organizador de reisado da região de Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) e Sussuapara 36
- Figura 03:** Sr, Antônio Borges Leal de 73 anos, dono de reisado do da cidade de Sussuapara 38
- Figura 04:** Sr, José Cícero de Barros, careta e ex dono de reisado do povoado Bocolô 41
- Figura 05:** A parte do figural dos reisados analisados (o velho, a dama, o Moreira, João da costa Barreira e a sua Dama) 51
- Figura 06:** Os três caretas pedindo permissão para entrar na casa do convidado na comunidade Bocolô (Picos) e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa)– PI 53
- Figura 07:** A burrinha, o boi, o Jaraguá, o lobisomem e o Urubu nos reisados Bocolô e Sítio Salvador 57
- Figura 08:** O público assistindo o reisado em forma de circulo nas comunidades Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) e Bocolô (Picos) 60
- Figura 09:** Homens travestidos de mulher na comunidade Bocolô (Picos) e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) 61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O HISTORIADOR E SUAS DIFICULDADES EM ESTABELEECER UMA CIÊNCIA HISTÓRICA	15
1.1 O desenrolar da função de ser historiador	15
1.2 A busca por uma afirmação de cientificidade	19
1.3 A contextualização da história e suas múltiplas possibilidades	23
1.4 A ciência histórica e seu novo conceito de documento	28
2 O REISADO E A SUA RELEVÂNCIA PARA ANÁLISE HISTÓRICA	33
2.1 O reisado como importante legado da memória social.....	35
2.2 O conceito de reisado na ótica de quem organiza e pratica tal experiência	42
2.3 A estruturação do reisado com base em outras regiões	46
2.4 O figural dos reisados nas comunidades analisadas	49
2.5 Os entremeios e as mudanças ocorridas na sua estruturação dentro do reisado.....	54
3 LUTANDO E RESISTINDO AO TEMPO	59
3.1 O público	59
3.2 A Criação do figural e entremeios e a forma de se manter o reisado	61
3.3 E a mulher pode participar?	65
3.4 Repassando um dom adquirido.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
FONTES E REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como principal objeto apresentar as permanências e as mudanças dentro da cultura do Reisado, tomando como base, três comunidades pertencentes a grande região de Picos, como a comunidade Bocolô (pertencente à cidade de Picos e que fica 5 km de distância do centro da cidade); Sussuapara (que mede distância em linha reta de **10.49 km** do centro de Picos) e Sítio Salvador (Povoado que fica 20.3 km da cidade de Santo Antônio de Lisboa que mede distância de **29,12 km** em linha reta da cidade de Picos).

O reisado como é entendido, de acordo com as leituras feitas, tem sua origem portuguesa, mas que parte da aglutinação de culturas como a africana e indígena. Nesse sentido, para uma maior compreensão como essas mudanças e permanências entre as comunidades se apresentam, tomamos como base toda uma discussão teórica sobre cultura, pois, como bem sabemos, toda cultura é maleável e passível de mudanças tanto na sua estrutura como na sua forma. Sendo assim, todas as mudanças, tanto nas partes de figural (representam formas humanas), entremeio (representam formas animais), estruturais entre outras, são vistos como maleabilidade de cultura.

Esse estudo de experiências culturais como a do reisado nessas três regiões, assim como a análise de suas permanências e mudanças, são ao mesmo tempo relevantes para o estudo histórico. Como bem sabemos a partir da análise e estudo das memórias coletiva desses donos de reis, a possibilidade de um maior entendimento sobre o valor histórico que essas memórias vindas de baixo podem oferecer para uma melhor compreensão e entendimento da função da história e do ofício de ser historiador. Ou seja, que a principal função desse trabalho, é dar voz e vez a sujeitos históricos que antes não tinham a menor possibilidade de mostrar o seu potencial histórico, cultural e social, tanto para a sua geração como para as gerações futuras.

A análise, compreensão e entendimento sobre as múltiplas experiências culturais que o reisado proporciona para a comunidade em que está inserido, sejam, nas suas sociabilidades, lazeres ou entretenimento, proporciona ao mesmo tempo um sentimento de pertencimento do indivíduo a determinada comunidade em que ele está inserido.

Nesse sentido, é de suma importância que experiências culturais como o reisado, se faça presente em todos os âmbitos da sociedade, ou seja, que essa experiência cultural, não se faça somente presente nas suas comunidades de origem, possibilitando que outras camadas da sociedade tenha acesso a tais experiências, a exemplo dos centros Urbanos. Por isso, é de

suma importância pesquisas como estas, que ao mesmo tempo possibilita qualquer pessoa a ter um pouco mais de conhecimento e acesso, sobre as suas próprias culturas regionais.

Em se tratando de novas pesquisas para a academia, esse trabalho vem a contribuir, pois através das pesquisas feitas nessas regiões, o futuro pesquisador que se interessar pelo tema, poderá ter como base as análises feitas nesse trabalho. Sendo assim, o pesquisador, terá um maior conhecimento sobre o objeto estudado, as suas mudanças e permanências que compõe os espaços que a experiência cultural se faz presente. Ou seja, o reisado da região de Picos, tomando como ponto de partida o estudo feito por essa pesquisa de conclusão de curso.

Em se tratando da pesquisa em si, tomei como base os estudos feitos em sala de aula, pela professora Ana Paula Cantelli Castro, onde pela primeira vez, na disciplina de História e memória, tomei contato com teorias que possibilitariam fazer amplas pesquisas sobre qualquer tema, que usasse a memória como fonte histórica. Sendo assim, veio em mente que quando criança sempre presenciava experiências culturais como o reisado, pois na minha família meus tios como meus vizinhos, brincavam e praticavam reisado anualmente nas portas das casas da comunidade onde morávamos.

Partindo dessas experiências que tive com o reisado, e com as teorias lidas sobre memórias, cultura e gênero. Coloquei em prática meus planos de se tentar compreender e analisar o reisado nessas três regiões que foram pesquisadas. Em se tratando da pesquisa, foram utilizados autores que já tinham discutido temas parecidos em outras regiões como, Leal (1998), Luz (2012), Ibiapina (2012), Duarte (1995), Cornélio (2005) e Brandão (1953) e Nunes (2011), entre outros.

Escolhidas as fontes bibliográficas que iria trabalhar, comecei as discussões sobre como o reisado era percebido entre esses autores, quais as suas mudanças e permanências em se tratando de compara-los com os reisados das três regiões analisados nesse trabalho. Ao mesmo tempo foram de muita ajuda, pois a partir dessas leituras que pude desenvolver um embasamento teórico maior sobre o tema proposto. Embora não foi fácil encontrar referencial teórico mais abrangente sobre o tema, já que é praticamente uma pesquisa nova em se tratando da grande região de Picos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas fontes Orais, já que não foram encontradas fontes impressas, por isso a metodologia da história oral foi importante para conseguir angariar informações que me dessem subsídios o suficiente para desenvolver essa pesquisa. Sendo assim, desenvolver a partir dessas fontes uma análise das mudanças e das permanências ocorridas dentro da prática cultural. Através da pesquisa de campo e das entrevistas gravadas, pude acumular informações necessárias para a pesquisa.

Sobre o método da gravação, Paul Thompson enfatiza,

A gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto.¹

Superada as primeiras colocações, devo salientar que este trabalho compõe-se de três capítulos, onde o primeiro intitulado por “O historiador e suas dificuldades em estabelecer uma ciência histórica.” Trata de toda a discussão teórica referente o reconhecimento da cientificidade da história em meio às discussões de negação por parte das outras ciências, a exemplo de Sociólogos, antropólogo, filósofos entre outras que são de pleno acordo, em se tratando de não legitimação da ciência história. Nesse sentido, são discutidas as questões de subjetividade, de trato com as fontes, o problema da interdisciplinaridade e conseqüentemente o caráter literário e secundário que as outras ciências querem impor sobre a história.

Por outro lado, são feitas as ressalvas de historiadores e amantes da ciência história, sobre a sua afirmação de cientificidade, onde cada autor analisa e enfoca que as subjetividades, as interdisciplinaridades e o caráter imparcial do historiador sobre os objetos e os fatos históricos analisados por ele, em nada interferem no seu reconhecimento como ciência meramente empírica. Ainda no mesmo capítulo, são discutidas as mudanças em relação ao trato com certos fatos históricos, onde não mais são levados em conta somente uma história política ou os grandes feitos. Nesse sentido, são abordadas novas formas de estudar e compreender certos fatos, não levando somente em conta histórias vinda de cima, mas pelo contrário. Sem deixar de lado os novos olhares que a ciência histórica faz sobre o conceito de fonte, que também é analisado nesse capítulo.

Já no segundo Capítulo intitula-se, “o reisado e a sua relevância para análise histórica”. Trabalha com alguns conceitos fundamentais para a análise histórica do reisado, pois é através das discussões das memórias dos donos de reis, que encontramos permanências e mudanças referentes, a ideia de reisado por partes dos brincantes. Onde são detectadas mudanças e permanências na parte estrutural, onde são analisadas e detectadas formas de reisados com caráter mais devocional do que em outros lugares.

No mesmo capítulo os figurais que representam formas humanas, também são analisados, pois de certa forma os mesmos podem mudar de região para região. No mesmo capítulo ainda são detectadas formas de mudanças e permanências nos entremeios, que

¹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.p.p146.

representam animais, pois cada região pode tanto possuir a mesma figura, como ao mesmo tempo pode se diferenciar das outras regiões.

No terceiro capítulo, intitulado de, “lutando e resistindo ao tempo.” Tem como base as discussões pertinentes às formas de como o reisado nessas regiões se perpetuam no tempo, analisando as formas de reciprocidade entre as comunidades envolvidas, tanto na ajuda de angariar recursos que possibilitam, a manutenção da brincadeira, como também importantes membros ativos da comunidade que criam ao mesmo tempo laços capaz de unir o dono de reis e a suas comunidades de origem.

Ainda no terceiro capítulo, é discutida e analisada a participação da mulher dentro da brincadeira, onde ao mesmo tempo, são analisadas e discutidas as formas como a mulher é enxergada no meio social em que vive, ou seja, a sua forma de hierarquização e o caráter secundária que a mesma recebe dentro da brincadeira.

Seguindo a mesma ordem, ainda são discutidas as formas de perpetuação da brincadeira por parte dos que possuem as práticas de se realizarem tais ações dentro do reisado, onde ao mesmo tempo, são analisadas as formas de se passar um dom adquirido do mesmo para as posterioridades.

1 O HISTORIADOR E SUAS DIFICULDADES EM ESTABELEECER UMA CIÊNCIA HISTÓRICA

1.1 O desenrolar da função de ser historiador

Por muito tempo a história foi vista como uma ciência com pouca autonomia, já que a mesma, na hora de analisar os fatos materiais, buscava incessantemente fazer uso de inúmeras disciplinas para tentar analisar e entender certos fatos históricos. Sendo assim, quanto mais o historiador buscava analisar a fundo seu objeto de estudo e pesquisa, mais se via obrigado a buscar através de outras disciplinas (que não fossem a da sua própria ciência empírica) para melhor entendimento e compreensão do objeto estudado. O exemplo mais claro da dificuldade eminente da ciência histórica em fazer análises, está no homem, pois em essência o homem por si só, com suas complexidades, mudanças e permanências produz problematizações e inquietações, que dificilmente poderão ser analisadas por uma única ciência, a história. Sendo assim, é que a história recorre às múltiplas possibilidades de engajamento com outras disciplinas, não é a toa que esta é atualmente considerada uma ciência humana que estuda a ação do homem no tempo e no espaço.

Além do mais, a mesma ainda analisa os processos históricos, personagens e fatos para poder compreender um determinado período histórico, cultura ou civilização. Nesse tocante, a busca de enriquecimento de análises críticas e históricas sobre um objeto requer uma proximidade com outras ciências para melhor análise, entendimento e compreensão dos objetos analisados.

Nesse contexto José Van den Besselaar sintetiza frisando que:

Apesar de ser inconcebível a história sem a ajuda de muitas outras disciplinas, seria uma conclusão precipitada dizer-se que ela não possua autonomia alguma. A autonomia da história consiste no seu método genético de estudar os atos humanos do passado. Por estudar o seu objeto material sob o aspecto da sua sucessão no tempo, nossa ciência distingue-se de todas as outras disciplinas. Eis a vida própria da história¹.

Porém, nem todos tinham essa mesma visão da história como ciência empírica, foram elaboradas muitas críticas sobre a história e o seu modo de pesquisa durante muito tempo. Uma das muitas críticas oferecidas pelos opositores, referente à ciência histórica, está na subjetividade da mesma frente aos fatos históricos. Sendo assim, para muitos críticos,

¹ BESSELEAR, José Van Den. **Introdução aos estudos históricos**. 5. Ed – São Paulo, EPU, 1979.p.326.

como o historiador alemão Ranke, este alega que a subjetividade dada aos fatos históricos pelo historiador não é capaz de resgatar uma história tal como ela se passou, para ele, o historiador sempre se sobrepõe aos objetos estudados com suas ideias e pensamentos. Nesse sentido, segundo Ranke, a disciplina história e o seu desempenho de análise, até então realizado para com os objetos estudados, era incapaz de oferecer uma história pautada na verdade.

Existe uma sobreposição do contexto sobre o objeto, pois a história está sempre sendo reescrita... Cada época, com sua orientação principal, apropria-se dela, impondo-lhe seus pensamentos. Em seguida, o louvor e a censura são distribuídos. Assim, isso vai até o ponto em que não mais é possível reconhecer a própria coisa. Nada mais se pode fazer, neste caso, a não ser voltar à informação inicial. Mas será que a estudariam sem o impulso do presente?... Será possível uma história inteiramente verdadeira?².

Outras críticas como esta estariam prontas para o ataque, sempre que necessário ao ofício do historiador, seja por sua posição referente ao objeto estudado, seja pelo seu juízo de valor dado à fonte ou até mesmo pela sua subjetividade e interpretação mediante aos fatos históricos. Justamente, era essa mesma subjetividade e o ponto de vista dado pelo historiador referente ao objeto estudado, que muitos desacreditavam na cientificidade da ciência histórica. Críticas mais ferrenhas eram elaboradas, justamente em cima de uma não possibilidade de afirmação de uma única verdade, ou seja, da incapacidade da história de não analisar os fatos históricos como eles se passaram, conseqüentemente, segundo os críticos, era impossível não emitir juízo de valor ao objeto estudado, é aonde novamente a crítica do historiador alemão Ranke se firma,

A raiz do problema está na interpretação dada pelo pesquisador. O fato de o historiador não se restringir a relatar o que está nos documentos, pois o historiador avalia o que encontra; distribui luz e sombra de acordo com critérios próprios. Se concordarmos que história e interpretação são essencialmente uma coisa só, se entendermos por História tudo o que tem acontecido, incluindo matéria e mente, enquanto estas se relacionem com a ação e se aceitarmos que a interpretação compromete o resultado da pesquisa, a História encontra-se diante de mais uma dificuldade.³

Para muitos críticos, independente de certa intenção do pesquisador historiador em atribuir juízo de valor ao objeto estudado e ao fato histórico. A própria matéria da História se encarregava de estabelecer esse valor e o historiador de certa maneira, queira ou não queira,

² RANKE Apud ELIAS, 2001, p.30.

³ RANKE Apud ELIAS, 2001, p.31.

estava fadado em estabelecê-lo e ao mesmo tempo atribuir juízo de valor à matéria de que fala, estuda e analisa. É que o filósofo da história William H. Dray enfatiza,

Em verdade, quando lemos um texto Histórico e encontramos expressões como *vitória*, *batalha sangrenta*, *nazismo* ou *guerra* cada um de nós constrói mentalmente um arcabouço significativo que dá sentido às expressões. Seria possível escrever, por exemplo, sobre religião sem emitir juízos de valor? Ou então contar a História do medo ou da piedade sem que se tais *objetos* tenham para o pesquisador algum significado? Enfim, pode o historiador escrever sobre seja lá o que for se não tiver condições para reconhecer-lhe a natureza; e como poderá ele apreender estes objetos de estudo sem atribuir-lhes valor?⁴

Outro historiador que vai de encontro às críticas pertinentes ao modo de se interpretar certos fatos históricos é o historiador francês Philippe Boutry, na sua fala, deixa clara a impossibilidade de uma ciência histórica pautada na subjetividade, onde o mesmo ainda alega que a imparcialidade e o modo de interpretar as várias possibilidades de história são, de certa forma, uma fragilidade e que essa excessiva confiança dada ao historiador no seu trato e modo de interpretar fatos históricos é um equívoco que deve ser repensado, é o que diz o historiador francês Philippe Boutry,

O espaço antes ocupado pelo sujeito histórico parece agora ocupado pelo sujeito historiador, que pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos.⁵

Podemos notar que a credibilidade do historiador referente aos fatos históricos sempre foi o ponto mais tocado segundo os críticos, sem deixar de lado a subjetividade e imparcialidade difícil de ser executada, que se faziam mais críticas frequentes ao historiador. Nesse sentido, a fragilidade do ofício do historiador é notória. Segundo Daniel Milo, onde o mesmo continua afirmando e firmando, mais uma crítica à subjetividade histórica. Sendo assim, o escritor critica e afirma que é preciso concordar que essa “excessiva confiança é depositada sobre o papel interpretativo do historiador”⁶ é passível de ser analisada, sempre com os devidos cuidados.

As preferências acentuadas do historiador, por alguém ou fato histórico, fazia das subjetividades históricas uma ciência contestável por exatamente não conseguir extrair das

⁴ DRAY, William H. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.p. p.39-41. Grifo do autor.

⁵ BOUTRY, Philippe. **Certezas e Descaminhos da Razão histórica**. IN: Boutier, Jean [e] Julia, Dominique (Orgs.). *Passados Reconstituídos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1998.p.19.

⁶ BOUTRY apud MILO, 1998. p.66

fontes seu total processo de acontecimento, sem deixar de lado as predileções que o historiador poderia ter com esses fatos. Nesse sentido, o arqueólogo e historiador francês Paul Marie Veyne é incisivo ao afirmar que a história não tem um método que possa servir para firmá-la como ciência propriamente dita, além de que não explica coisa alguma, “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como autor; a história é um romance real”⁷.

A disciplina história, por muitas vezes, foi atacada, criticada e comumente relegada a uma simples e estereotipada disciplina literária, e que por muitas vezes o objeto histórico escapava da cientificidade justamente por causa dessa subjetividade, que segundo os críticos, fazia parte intrínseca à história. Nesse sentido, para os críticos do historicismo sobre o objeto estudado e analisado, a prática de análise do historiador, é ao mesmo tempo, uma projeção de nossos juízos de valores sobre esses mesmos objetos. Objetos estes que são por muitas vezes predileções do historiador. É o que William H. Dray enfatiza, “Sobre a pretensa imparcialidade do pesquisador, sejam quais forem os atos de purificação que um historiador possa praticar, ele continuará humano, uma criatura de certo lugar, tempo, circunstância, interesses, predileções, cultura”⁸.

Diante dessas críticas frente à ciência histórica e conseqüentemente da sua negação como ciência propriamente dita por parte das outras ciências ditas empíricas. Podemos notar que se costumam, partindo desta suposta legitimidade, desmerecer a ciência histórica comparando-a com as demais ciências tradicionais, principalmente as ditas naturais, como se estas já tivessem alcançado a sabedoria total e que fossem incapazes de serem discutidas ou contrariadas. Com o passar do tempo, juntamente com o esforço, trabalho e dedicação incessante do historiador, é que essa mesma ideia de não cientificidade será transformada em um discurso contrário, ou seja, a matéria história será reconhecida com muito trabalho e esforço no âmbito científico. Mas deixa claro Marc Bloch,

Muitas pessoas, e mesmo parecem certos autores de manuais, fazem uma imagem surpreendentemente cândida da marcha de nosso trabalho. No princípio, diriam de bom grado, eram os documentos. O historiador os reúne, lê empeneha-se em avaliar sua autenticidade e veracidade. Depois do que, e somente depois, os põe para funcionar... Uma infelicidade apenas: nenhum historiador, jamais, procedeu assim. Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los.⁹

⁷ VEYNE, Paul Marie. **Como se Escreve a História**. Brasília, DF: Editora da UNB, 1995.p. 7-8.

⁸ DRAY, 1969, p.37.

⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

De acordo com o que foi mencionado anteriormente, mas por outro olhar, Marc Bloch nos possibilita entender que, mesmo com suas subjetividades, modo de interpretação, de análise, o trato com as fontes e os fatos históricos, a história cada vez mais se firmará como ciência que estuda a ação do homem no tempo e espaço. Mas sem deixar de lado que as discussões pertinentes à ciência histórica não serão cessadas, apenas aprimoradas com o passar dos anos, cabendo sempre ao historiador, dar voz e vez a essa ciência e através do seu trabalho diário, mostrar qual a função e o determinado valor que história exerce na vida de cada indivíduo.

1.2 A busca por uma afirmação de cientificidade

A busca por um lugar ao sol, da história como ciência, ainda passaria por muitas fases, até chegar a seu patamar de reconhecimento como ciência propriamente dita, e ter sua valorização reconhecida por outras ciências no século XIX. Na atividade do historiador, a princípio como foi visto, apresentaram-se problemas questionáveis, que em essência, colocavam em xeque a própria cientificidade da prática historiográfica por parte das outras ciências. Comumente a subjetividade do pesquisador, a utilidade do conhecimento histórico e o limitado conceito de ciência, constituíam e contribuíam para se criar impedimentos à classificação da história como ciência, restando-lhe ser reduzida, na visão de determinados críticos, a mero discurso literário.

Por muitas vezes a ciência histórica foi contestada, e muitas vezes renegada a segundo plano a exemplo dos sociólogos, que a princípio almejavam tal ação, mas que em vias de fato nunca conseguiram por em prática a ideia de não cientificidade da ciência histórica para com os objetos estudados e analisados.

Referente ao valor científico, das suas múltiplas possibilidades de se estudar os fatos e as fontes históricas sem perda de credibilidade e cientificidade que a ciência histórica possui, para análise e estudo da ação do homem no tempo, parte em defesa da cientificidade da história, o historiador e filósofo José Carlos Reis, onde o mesmo destaca algumas das muitas possibilidades de pesquisa que a ciência histórica, possui para o âmbito científico, segundo ele,

Por outro lado, apesar de secundária, a utilidade da história ou sua legitimidade social, não é inexistente, pelo contrário, a consideramos de um valor inestimável: o historiador é nada mais nada menos do que o mediador de um diálogo, de um debate, entre os homens passados, cuja presença torna-se viva, e os homens presentes, que se sentem menos solitários e

desprotegidos. Este diálogo promovido pelo historiador oferece aos homens do presente uma interlocução, um conforto, uma melhor localização de si no tempo, o sentido específico da diferença, da alteridade e da identidade. Aos homens do passado, este diálogo oferece igualmente a esperança de sobreviverem à sua finitude.¹⁰

Em seu livro, *Apologia da história ou o ofício do historiador*, Marc Bloch¹¹ considera que o conhecimento Histórico é legítimo, porque entre muitas outras coisas, o conhecimento histórico é um prazer, o prazer do conhecimento do outro, a curiosidade de conhecer situações que ele viveu, e que conhecer por conhecer o que o rodeia é conhecer a ele. Criar problematizações e buscar compreender o outro através de análise e estudo, para ele, a história não pode ser uma atividade intelectual gratuita, pois é uma atividade de conhecimento e não uma arte de viver.

Outro importante expoente e defensor da importância da ciência histórica e da sua cientificidade referente aos acontecimentos históricos e conseqüentemente o seu valor interpretativo dado às fontes analisadas, a busca pelas verdades escondidas nos acontecimentos históricos, sem deixar de lado a sensibilidade do historiador frente a determinados acontecimentos históricos, é o autor. Joseph Hours onde o mesmo cita,

Por outras palavras, a história, levada pelo movimento geral de todas as disciplinas humanas, reconhece a originalidade irredutível do homem em relação ao mundo que o rodeia e a impossibilidade de compreendê-lo doutra forma a não ser de dentro, por esforço de imaginação e de sensibilidade. Fazer a história duma época é, em suma, pôr-se no lugar daqueles que a viveram.¹²

Para os que acreditavam e lutavam pelo reconhecimento da cientificidade da história como ciência empírica, e que buscavam pelo reconhecimento de tal ciência no âmbito da pesquisa, estão à frente defensores como Fustel de Coulanges, onde o seu discurso protetor e defensivo é ao mesmo tempo enaltecimento da ciência histórica, e está sempre pronto para ser usado em prol da causa. Nesse sentido, em vias de fato, tentam provar em todo momento, a relevância da história para pesquisa científica, onde o mesmo diz que não há dúvidas sobre a cientificidade da história, e vai mais além,

A História, escreve, é uma ciência; ela não imagina, ela vê... ela consiste como qualquer outra ciência em constatar fatos, em analisá-los, em aproximá-los, em descobrir-lhes o encadeamento... o historiador... Procura e

¹⁰ REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. São Paulo: Ática, 1996. p.92. Grifo meu.

¹¹ BLOCH, 2001, p.79.

¹² HOURS, Joseph. **O Valor da História**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1979. p.87.

atinge os fatos pela observação minuciosa dos textos como o químico encontra os seus em experiências cuidadosamente conduzidas.¹³

Podemos observar e analisar, que mesmo com a história atingindo seu patamar e reconhecimento como ciência empírica, e mostrando conseqüentemente seu valor para as outras disciplinas. Seu método, sua crítica referente aos fatos e objeto, sem deixar de lado as problematizações (que fazem da ciência história uma ciência que busca não somente uma verdade dos fatos), ainda sofria e sofre com ideias do senso comum sobre a sua importância.

Sendo assim, a exemplo disso, podemos analisar a ideia da função do historiador na visão do senso comum nos dias de hoje, ou seja, nessa visão estereotipada, a função do historiador para com a história e também a memória, ainda é relativamente simples. Nesse sentido, o historiador tem como função maior, de ser o guardião, onde seu principal trabalho é ser um lembrador dos grandes fatos históricos, para que os mesmos não caiam em esquecimento pelas posterioridades. Através de pensamentos assim, podemos analisar que infelizmente ainda hoje estão sendo aplicados sobre a ciência histórica.

Quando Peter Burke analisou essa forma de pensar a história e a função de ser historiador, ele estava se referindo às ideias, que o modelo até então vigente, entendia e via a história. Uma história que era vista e feita para enaltecer os grandes acontecimentos e os grandes feitos públicos, proporcionando assim, um modelo de vida a ser seguido, sendo assim, a história escrita servia para manter sempre vigente a memória de grandes feitos e grandes fatos, pautada na transição de formas a serem seguidas e enaltecida pelas posterioridades. Cabe ao historiador e aos amantes dessa ciência empírica, buscar sempre que possível, mostrar o verdadeiro trabalho do historiador, que é, e sempre será, estudar o homem no seu tempo e no seu espaço, seja qual ele for.

Historiadores antigos como: Heródoto, Tucídides, Posidônio, Políbio, entre outros, que não eram necessariamente gregos como, Anna Comnena, Procópio, escreviam com a finalidade de que ao longo do tempo, os grandes acontecimentos e os grandes feitos de importância singular, não se perdessem no tempo por falta de registros escritos. Sem deixar de lado, que tais ações vistas por eles, eram necessárias para que se evitasse certo esquecimento, ou até mesmo ocasionasse parcial ou perda total desses acontecimentos históricos pelas posterioridades.

Por outro lado, pensar a memória como reflexo de uma verdade e a história, como reflexo da memória, não mais parece uma coisa simples de ser pensada e analisada. Por que,

¹³ COULANGES Apud HOURS, 1979, p.60-61.

tanto a história como a memória, são dois campos complexos e passíveis de serem analisados, e isso requer um estudo mais aprofundado e crítico sobre as fontes que queira estudar o historiador pesquisador.

Afirma o historiador inglês Peter Burk,

Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parece atividades inocentes que outrora se julgava que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. Nos dois casos, os historiadores aprendem a levar em conta a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados.¹⁴

Repensar uma história que não seja somente pautada por um viés positivista de ser, é importante para pensarmos, compreendermos e entendermos que a possibilidade de se trabalhar história como uma ciência, que busca não somente uma verdade única e absoluta. Mas sim, as verdades que ajudam na compreensão dos fatos históricos, são de suma importância para a análise e crítica dos fatos históricos pautados somente na fidedignidade das fontes escritas.

Nesse sentido, podemos perceber que todo documento tem por base, seja qual ele for, de se passar uma ideia ou até mesmo uma intenção, cabendo ao historiador tomar os devidos cuidados de não somente acreditar no que está vendo ou lendo. Mas sim, buscar cruzar as informações necessárias que possibilite que se extraia desses fatos históricos, mais informações necessárias para a compreensão dos mesmos.

Nesse contexto José Van den Besselar sintetiza frisando que,

Assim como um juiz exige de uma testemunha a carteira de identidade antes de ouvi-la, assim o historiador pede o documento à prova de autenticidade para ver se pode servir de testemunha. É crítica externa. No segundo ato do exame passa a julgar a veracidade da testemunha: é crítica interna. Assim como um juiz aceita com a devida reserva o depoimento de uma testemunha pessoalmente interessada num determinado êxito do litígio, ou a declaração de uma pessoa que possui apenas conhecimentos indiretos do caso, assim procede ao historiador: examina a competência e a sinceridade do documento¹⁵.

Nesse sentido, podemos entender que são dessas partes, ou melhor dizendo, fragmentos de história que nos possibilita estudar, entender e compreender certos processos

¹⁴ BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. –2. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.p.69 – 70.

¹⁵ BESSELEAR, José van den. **Introdução aos estudos históricos**. 5. Ed – São Paulo, EPU, 1979.p.157.

históricos, infelizmente não com sua totalidade, pois isso não é possível, mas se não grande parte, pelo menos uma boa parte dessa história. É o que deixa claro o filósofo francês Joseph Hours, onde o mesmo sintetiza dizendo,

Querendo conhecer o passado e não podendo trazê-lo para a vida, deseja pelo menos ter uma representação dele e quer que este seja o mais próximo possível da inacessível realidade. Essa representação é um conjunto. Nela vêm tomar lugar e compõem-se, pouco a pouco, os múltiplos pormenores que lhe trazem as suas fontes. E é incompleta, evidentemente, porque, dos inúmeros acontecimentos que num dado momento foi a vida da humanidade, só uma parte ínfima chega até nós nos documentos de que dispomos e, todavia, essa parte ínfima excede muitas vezes a possibilidade que o historiador teria de os conhecer. Ela não pode reproduzir na sua complexidade a realidade de outrora. Um jornal diário não consegue, senão com grande esforço, dar-nos uma pálida ideia da realidade atual e a coleção dos nossos jornais não seria em nenhum grau essa representação que o historiador procura.¹⁶

Apesar das divergências entre os teóricos, da sua possível afirmação ou não como ciência, é que a história, ainda tem conhecimento legítimo. Além do mais, possui utilidade, mesmo sabendo que a principal característica da história é reconhecer que, mesmo sendo uma, a ciência histórica não possui o dom de dar-nos uma explicação do todo, pois ele não é acessível, mas sim de partes deste todo e tais partes guardam traços essenciais que possibilitam ser reconhecidas pelo historiador pesquisador.

1.3 A contextualização da história e suas múltiplas possibilidades

Como bem sabemos, uma nova abordagem histórica pode surgir através de um ou vários acontecimentos, o que determina o rumo ou os rumos que essa nova abordagem pode seguir, a exemplo da nova abordagem e crítica que Marc Bloch, juntamente com Lucien Febvre propunha para um novo modelo de história mais abrangente e totalizante.

Para essa nova pretensão de uma metodologia para a pesquisa histórica, Bloch e Febvre, idealizavam uma história que não somente relativizasse uma história política, (que tinha como objetivo, estabelecer e manter uma perpetuação através da escrita, os jogos de poderes e os grandes eventos), mas pelo contrário buscavam uma história totalizante e integrante. Nesse sentido, nota-se a insatisfação que esses dois grandes pensadores manifestavam sobre esse método da história de abordar somente os grandes homens, políticos ou o Estado, deixando de lado outras possibilidades de análises históricas.

¹⁶ HOURS, Op. cit. p.90.

Nesse sentido, a luta por mudanças na historiografia reinante, que trouxesse no seu bojo novas perspectivas históricas e uma história, que não somente relativizasse os grandes homens do poder ou até mesmo os seus grandes feitos políticos, era de grande interesse de Lucien Febvre e Marc Bloch. Sendo assim, os mesmos idealizavam e buscavam na prática, por uma renovação do ponto de vista metodológico e histórico referente aos fatos.

Compreender essas tentativas de mudanças historiográficas, que visasse elementos que correspondessem os anseios de pesquisadores, principalmente os iniciais, como Bloch e Febvre, é de suma importância para entendermos a mudança de uma história fechada, para uma história de longa duração. Sendo assim, a possibilidade de análise da história de todas as atividades humanas e não apenas uma história ligada à política, ocasionaria em mudanças, mudanças essas, que possibilitaram o desenvolvimento de um novo método da pesquisa histórica.

Somando-se a vontade de Marc Bloch e Lucien Febvre de abordar novas temáticas que enfocassem a complexidade do homem no decorrer da história no seu tempo e espaço, e que trouxessem uma maior proximidade entre as outras ciências humanas, na chamada “interdisciplinaridade”¹⁷, é que nasce em 1929, a tão famosa escola do Annales.

Sendo assim, no intuito de somar, multiplicar e diversificar as múltiplas possibilidades de focar o homem seja nos seus (comportamentos, credices, habilidades, expressões físicas ou artísticas), ou seja, na tentativa de estudar a ação dos homens no tempo e no espaço, faz brotar nesses pensadores um sentimento de mudança. Mudanças essas que possibilitaram a transformação do movimento dos Annales, em um movimento capaz de trazer transformações no modelo de pesquisa até então predominante na escrita historiográfica.

Embora a princípio, a escola dos Annales não se parecesse efetivamente com uma escola, por consequência das múltiplas e divergentes ideias que alguns participantes do movimento traziam consigo, o movimento em nada perdeu o seu prestígio e valor, pelo contrário, enriqueceu e se expandiu de forma grandiosa para além da França. Sobre esse aspecto que contemplam as grandes contribuições das novas abordagens e metodologias históricas envolvendo a escola do Annales, é que o grande historiador inglês Peter Burk enfoca as suas grandiosas e promissoras contribuições,

¹⁷ Nota: Processo de integração recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento. Constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns. <http://www.dicionarioinformal.com.br/interdisciplinaridade/>: Acesso em 03/07/2013.

As ideias diretrizes da revista, que criou e excitou entusiasmo em muitos leitores, na França e no exterior, podem ser sumariadas brevemente. Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. Como dizia Febvre, com o seu característico uso do imperativo: Historiadores, sejam geógrafos, sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos.¹⁸

Nesse sentido, nota-se que umas das características maiores dessa fase inicial da escola dos Annales, inicialmente lideradas por Marc Bloch e Lucien Febvre, é a sua completa e radical mudança de pensamento referente à história tradicional, vista como obsoleta e incapaz de suprir as inquietações e as necessidades por respostas a certos problemas impostos e a realidade vivenciada do momento por esses dois pensadores. Onde a história política e a história dos eventos serão rechaçadas e incapazes de possibilitar uma história totalizante e integrante, onde os dois juntamente com seus seguidores oferecerão novas perspectivas metodológicas, temáticas e problematizadoras referentes aos fatos históricos.

Outra grande e promissora contribuição da escola dos Annales, segunda a Professora Lynn Hunt¹⁹, foi mais além do que oferecer um novo modelo de se fazer história. Sendo assim, foi mais do que uma mera mudança, foi essencial para um novo tipo de história, econômica, e social suas ideias e ambições, iriam mais além da visão positivista da história pautada em elementos escritos, cercada pela fidelidade ao documento. Sua maior contribuição foi empreender um distanciamento com a história política e com a história individual, combatendo com sua força radical, o patamar secundário que a história política e militar queria lhe empreender.

A história da escola dos Annales pode ser assim vista separadamente em quatro gerações, cada uma com suas especificidades, singularidades e pluralidades, modo e método de tratar a história. A preocupação básica permaneceu praticamente a mesma, porque os escritores e os intelectuais a ele associados, ofereciam e propunham uma história pautada na análise e estudo do objeto, sem deixar de lado a crítica a determinados fatos históricos e as problematizações a serem feitas, mas sempre buscando cada vez mais uma história integrante e totalizante.

¹⁸ BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929 – 1989): **a revolução francesa da historiografia**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da UNESP, 2010, p.12.

¹⁹ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. Ed. – São Paulo: Martin Fontes, 2001.p.8.

Nos anos que se seguiram a escola dos Annales mesmo com o grande crescimento de uma história que buscava aproximação com as ciências sociais, a história social passou por uma grande mudança, e essa mudança viria a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos que tinham afinidade com a escola Annales, por uma história Cultural. Que buscava ao mesmo juntamente com a antropologia, (uma ciência jovem, porém que compreende o homem e as obras por ele produzidas). Alcançando profundos significados como, por exemplo, a necessidade de perceber as semelhanças, a grande diversidade de modos de existência do homem no tempo e no espaço.

Já afirmava Lynn Hunt,

O desafio aos velhos modelos foi especialmente rigoroso na escola dos Annales (respondendo por mais da metade dos artigos entre 1965 e 1984), a história intelectual e cultural passou a ocupar um sólido segundo lugar (com algo em torno de 35 por cento dos artigos contra 11 a 14 por cento para história política). À medida que a quarta geração dos historiadores dos Annales passou a preocupar-se cada vez mais com aquilo que, muito enigmamente, os franceses chamam *mentalités*, a história econômica e social sofreu um recuo em termo de sua importância²⁰.

A partir das leituras, críticas e defesas de quem é praticante da nova história cultural, tende a possibilitar entender e compreender, que o foco principal da nova história cultural, era abordar e fazer um deslocamento de uma história política pensada além das instituições, e conseqüentemente uma história pensada e analisada além da política. Sendo assim, uma preocupação e análise maior com as estruturas e a possibilidade das múltiplas maneiras de se fazer história, é que conseqüentemente, uma história das narrativas dos grandes acontecimentos é substituída gradualmente por uma história pautada no interesse pelo cotidiano, vida, comportamento de pessoas comuns. Sendo assim, tirando conseqüentemente do foco da narrativa histórica, os fatos históricos, a história dos grandes homens ou grandes datas.

Nesse sentido a história cultural, possibilitou no seu surgimento e ainda possibilita nos dias atuais a oportunidade de se estudar, analisar, compreender e entender, uma história que tem a possibilidade de ir muito além dos documentos escritos e dos registros ditos oficiais.

Seguindo o raciocínio de Peter Burke²¹, Com a História Cultural, o campo historiográfico de investigação torna-se mais amplo por concentrar em seus objetivos as diferentes possibilidades de analisar a trajetória do homem no tempo e espaço. A História

²⁰ HUNT, 2001, p. 8.

²¹ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

Cultural, portanto, compreende em seus estudos, as mais variadas produções do próprio homem, nela podemos desempenhar a observação das representações, a cultura letrada, a cultura popular, as diversas manifestações sociais de determinados grupos, a produção cultural de sociedades diversas, cotidianos, crenças, normas de condutas, sistemas de educação, entre outros. Enfim, uma gama de possibilidade de estudo, análise e compreensão do homem nas suas diferentes culturas, tempo e espaço.

A história cultural é vista e considerada como “multidisciplinar, visto que, abarca várias possibilidades de fontes científicas de estudo, tais como: etnologia, geografia, antropologia, literatura, economia, sem deixar de lado a história entre outras, tudo isso pra se compreender, entender e analisar as sociabilidades, os costumes, representações entre outros”²². Por esta razão, vários autores que não são especificamente historiadores, contribuíram de maneira grandiosa para o desenvolvimento da História Cultural, sobretudo em suas duas últimas fases. Pode-se citar como exemplos de intelectuais que auxiliaram na construção dessa nova teoria cultural e conseqüentemente possibilitaram fazer dessa nova abordagem uma promissora pesquisa histórica, os autores: Mikhail Bakhtin (filósofo e pensador russo), Norbert Elias (sociólogo alemão), Michel Foucault (filósofo e pensador francês) e Pierre Bourdieu (sociólogo francês).

Tendo em vista as múltiplas possibilidades e a discussão gerada em torno da nova história cultural interna ou externamente, “Os embates dos paradigmas, as discussões continuam, e mais do que nunca. Podemos afirmar que a prática da nova história cultural vem apresentando inovações, contribuições extremamente importantes para a historiografia”²³, mas que não são discutidas em um mesmo som, unindo pesquisadores diferentes e discordantes e de influências variadas, mas que ao mesmo tempo, possibilitam um enriquecimento através da discussão do tema, fazendo assim da prática da história cultural importante peça do cenário historiográfico.

De acordo com as análises feitas, podemos chegar à conclusão que podemos entender e compreender, que é desta forma, que a história cultural estuda e analisa os processos de evolução histórica no tempo e espaço. Ela não se limita a analisar apenas as produções culturais, sejam elas literárias ou artísticas de um modo geral, mas se propõe estudar as determinadas sociedades como um todo, enfatizando as múltiplas pluralidades culturais,

²² História cultural. Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_cultural: Acesso em 04/07/2013.

²³ A Nova História Cultural: **Origens, Conceitos e Críticas**. Site: <http://www.fundacaoastrojildo.com.br/index.php/politica-e-cidadania/1747-a-nova-historia-cultural-origens-conceitos-e-criticas>: Acesso em 03/07/2013.

mudanças e permanências das sociedades, e que estiverem sendo analisadas como objetos de estudos pelo historiador pesquisador. Tornando legítimo o homem, através do seu objeto de conhecimento, exigindo uma problematização, hipóteses, conceitos, documentos, reflexões e pesquisa sobre o mesmo.

1.4 A ciência histórica e seu novo conceito de documento

Estabelecer uma ciência histórica, como se pode ver nesse capítulo, foi uma das maiores lutas que o historiador pesquisador já provou na sua vida, seja na luta contra o caráter simplesmente literário que as outras ciências queriam impor sobre a história, ou simplesmente contra negação de cientificidade da mesma, por causa da sua subjetividade mediante aos fatos históricos.

Sendo assim, estabelecer uma ideia de história como memória social e história como documento e ao mesmo tempo monumento, ainda seria umas das tarefas árduas que o historiador teria que provar. Além do mais, mostrar que o caráter tendencioso de uma fonte histórica pautada na escrita, não seria muito diferente do possível caráter tendencioso da memória do indivíduo, seria uma das grandes tarefas que o historiador pesquisador teria que empreender.

Nesse sentido, é de suma importância estabelecer uma ideia coerente e ao mesmo tempo entender e compreender que lembrar o passado e escrever sobre ele, não mais seria atividade inocente que outrora se julgava que fosse. Nesse sentido, caberia esperar a ação vinda por parte do historiador pesquisador, a ideia referente aos fatos históricos estudados, que nem as memórias (ditas subjetivas), nem as histórias (pautada na escrita), parecem ser mais objetivas, ou seja, elas são todas passíveis de análise.

É o que enfatiza o historiador Inglês Peter Burke, quando o mesmo diz que,

Os historiadores se interessam, ou de qualquer modo precisam se interessar, pela memória a partir de dois pontos de vista. Em primeiro lugar, tem que estudar a memória como uma fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos [...] Em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar. Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção

e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo²⁴.

Para termos uma discussão coerente acerca da história como documento e monumento histórico, tem-se que haver a noção primeira que, a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplica-se a dois tipos de materiais de estudo: documentos e os monumentos, valendo ressaltar que há bem pouco tempo, ambos eram analisados de forma rasa e com muita distinção entre eles. O monumento em si, era entendido, como o “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntário ou involuntário, das sociedades históricas”²⁵, sendo visto como um legado da memória coletiva, onde uma parcela mínima da sociedade envolvida fora testemunhos escritos.

Por outro viés, o documento histórico era visto como importante fundamento do fato histórico e ao mesmo tempo fonte objetiva do estudo histórico, mesmo que “ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, para apresentar-se por si mesmo como prova histórica.”²⁶ Sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento histórico, sendo que ao mesmo tempo, afirma-se prioritariamente como testemunho escrito.

Todavia, a concepção de documento e monumento, por muito tempo, não se modificava, mas com o passar dos anos, o seu conteúdo enriquecia-se e ampliava-se. Em princípio o documento era essencialmente um texto escrito/crônico, só que com o passar dos anos, essa simples limitação de definição não era mais capaz de explicar tais diferenças.

Afirma Jacques Le Goff, sobre a herança do passado e o seu poder de duração entre as sociedades,

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta de flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertence o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem²⁷.

²⁴ BURKE, Peter. **História como memória social**, In: Variedades de história cultural. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.p. 72 – 73.

²⁵ LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**, IN: História e memória. 4. Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1996.p.535.

²⁶ LE GOFF, 1996.p.536.

²⁷ Idem., p.540.

Sobre essa mesma ideia de subjetividade que o documento/monumento traduz para os posteriores, Peter Burke sintetiza sobre o caráter subjetivo das memórias envolvidas tanto no objeto escrito, como o memorável, são passíveis de estudo, compreensão e análise, pois “as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites de maleabilidade”²⁸.

Nesse tocante, podemos entender que, o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto e resultado das sociedades que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinha o poder. Por essa visão, é que a palavra documento deve ser mencionada, analisada e estudada em um sentido mais abrangente, a exemplo, do documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, à imagem, ou de qualquer outra forma, fazendo-se dessa forma um documento legítimo, também passível de análise, estudo e compreensão.

Assim, Jacques Le Goff ao analisar esse ponto principal afirma que,

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: A crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinha o poder²⁹.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, se as memórias sociais, são influenciadas pela organização social de transmissão em que o indivíduo está inserido, devemos analisar ao mesmo tempo, quais são os diferentes meios de comunicação da memória, que influencia essa organização do lembrar. É o que faz Peter Burke, ao examinar as simples variedades dos meios de comunicação da memória, esquematizando de forma simples, que ajuda na compreensão no estudo das memórias.

Em primeiro lugar, vêm as (tradições Oraís), onde o mesmo especifica que, é um útil indicador das mudanças ocorridas na disciplina da história, na última geração, em particular o declínio da esperança de estabelecer os fatos objetivos tais como aconteceram e o surgimento do interesse por aspectos simbólicos da narrativa. Ou seja, é na tradição oral e “é através dela que cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural.”³⁰.

²⁸ BURKE, Op. cit. 2006, p.73.

²⁹ LE GOFF, Op. cit. 1996 p.545.

³⁰ PARAFITA, Alexandre. **O que é a tradição oral?** In: Histórias de arte e manhas, Lisboa, 2005, p. 30.

A segunda variedade desses meios de comunicação da memória é (as memórias e outros relatos escritos). O autor deixa claro que esses relatos não são atos inocentes da memória, mas antes, tentativas de convencer, formar a memória de outras pessoas, ou seja, todo historiador deve ter em mente, que todo documento, seja ele escrito ou memorável, possui uma gama de intencionalidade ao mesmo tempo. Já a terceira variedade citada pelo autor Peter Burke, são, (as imagens, pictóricas ou fotográficas, paradas ou em movimento). O autor trata as imagens por duas distinções, as imagens imateriais, ou seja, as imaginárias, ou as chamadas imagens materiais, que servem na sua construção para ajudar a retenção e transmissão de memórias, e sempre tem como característica uma imagem de concretude, a exemplo de lápides, estátuas, medalhas, entre outros.

A quarta variedade desses meios de comunicação, são (as ações), ou seja, transmitem memórias ao transmitir aptidões e habilidades, do mestre ao aprendiz. O autor deixa claro que muitas delas não deixam traços para os historiadores a estudarem, mas que, muitas vezes se registram pelo menos ações rituais, e que esses mesmos rituais, “são reencenação do passado, mas ao mesmo tempo, tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social”³¹.

Sendo que o quinto meio de comunicação na transmissão de memórias que Peter Burke analisa, estuda e tenta compreender, é o (espaço). Ou seja, é o valor de por imagens que desejamos lembrar em locais imaginários impressionantes, como palácios ou teatros memoráveis, explorando assim a associação de ideias e que através dessas associações, imaginarmos lugares maravilhosos que gostaríamos de estar.

Por último, o autor enfatiza outro elemento comum aos vários meios de comunicação, (o esquema). Ou seja, uma tendência a representar, e às vezes a lembrar, um determinado fato ou pessoa, só que em termos de outro. “Sendo assim, do ponto de vista da transmissão de memórias, cada veículo tem suas próprias forças e fraquezas”³².

De acordo com os fatos estudados e analisados, podemos perceber que não existe um documento verdade. Ou seja, todo documento é mentira, pois, “quando lemos narrativas de memórias, é fácil esquecer que não lemos a própria memória, mas suas transformações através da escrita”³³. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo, e tentar buscar através das análises, possibilidades de estudo sobre um determinado fato histórico, e extrair do mesmo, o máximo de informação possível, e ao mesmo tempo buscar as verdades escondidas

³¹ BURKE, Op. cit. 2006, p.75.

³² Idem, p.76.

³³ Idem, p.74.

no mesmo, porque qualquer documento é ao mesmo tempo verdadeiro. É o que sintetiza o historiador francês Jacques Le Goff,

O documento não é inócuo. É antes de tudo, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntária – determinada imagem de si próprias³⁴.

Nesse sentido, pode-se perceber e compreender que a história é igual à memória social, e o documento é ao mesmo tempo um monumento histórico, e que as críticas pertinentes a esse tipo de documento devem ser feitas a todo o momento, para extrairmos o máximo de informação possível sobre determinado fato histórico. Aprendemos com isso, que devemos não somente buscar uma verdade ou mentira única, absoluta, mas as possibilidades de verdade e mentira. Nesse sentido, é essencial compreender que todo documento/monumento é produto social e passível de análise e crítica, sem deixar de lado que essa mesma ideia de análise, nos possibilita uma melhor compreensão do fato e objeto histórico estudado.

³⁴ LE GOFF, 1996 p.547–548.

2 O REISADO E A SUA RELEVÂNCIA PARA ANÁLISE HISTÓRICA

Estudar, analisar e historicizar uma experiência cultural como a festa de santos reis na grande macro região de Picos no Estado do Piauí como, a comunidade Bocolô (pertencente à Cidade de Picos que fica 5 km de distância do centro da cidade), a comunidade do Sítio Salvador (Povoado que fica 20.3 km da cidade de Santo Antônio de Lisboa que mede distância de 29,12 km em linha reta da cidade de Picos) e a comunidade da cidade de Sussuapara (que mede distância em linha reta de 10.49 km do centro de Picos), sem dúvidas, só e possível nos dias de hoje, devido a nova história cultural, sem deixar de lado, o movimento precursor que Marc Bloch e Lucien Febrev idealizaram no final do século XIX e início do século XX, a chamada escola dos Annales que foi abordado e analisado no capítulo anterior.

Nesse tocante, sem esses movimentos precursores, seria impossível trabalhar temas como estes, já que para a história tradicional pautada nos escritos oficiais e crônicas como vimos nada os interessava a história de vida de indivíduos simples e possuidores de cultura própria, já que a história política e dos grandes feitos cobriam qualquer brilho que essas histórias vindas de baixo poderiam emitir.

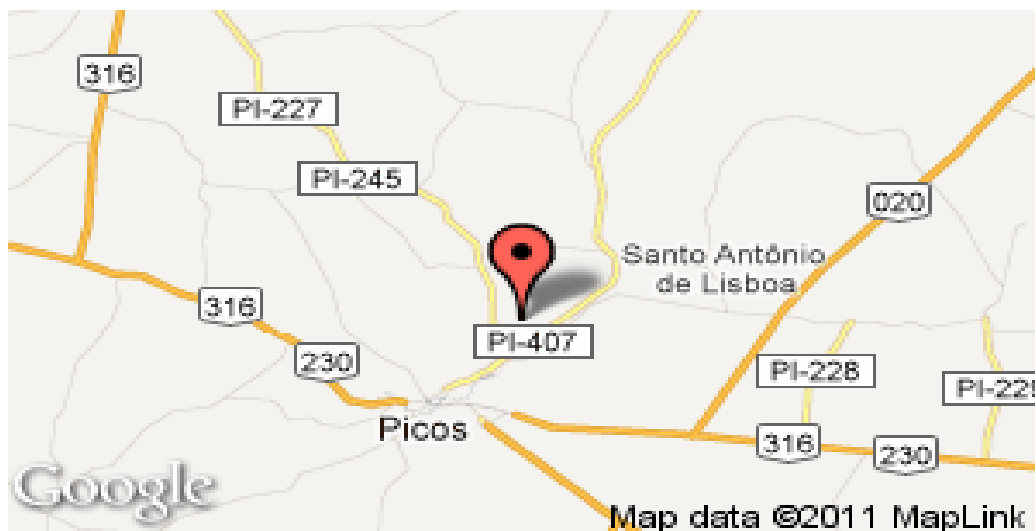


Figura 01: Mapa da Cidade de Picos, Sussuapara (PI-407) e Santo Antônio de Lisboa.

Fonte: maps.google.com.br.

Outra importante prática de análise histórica, que torna possível o estudo de manifestações culturais como o reisado, e que também torna possível a sua análise, compreensão e entendimento histórico, é a chamada micro história. “Essa prática de pesquisa se firmou na Itália com a publicação, da coleção *Microstorie*, sob a direção de Carlo

Ginzburg e Giovanni Levi, pela editora Einaud, nos anos entre 1981 e 1988”¹. Nesse sentido, “A argumentação da micro - história perpassa pela atenção ao agente marginal, aos conflitos entre as configurações sócio culturais. Porém, ao mesmo tempo zela pelo detalhe revelador”².

A partir dos debates referentes aos rumos que a chamada escola do Annales deveria tomar, surge à micro história, por muitas vezes, foi mal interpretada, por muitas vezes confundida como historia cultural, ora tomada como história das mentalidades e até mesmo, confundida com a história do cotidiano. Sendo assim, por muito tempo, a micro história, foi mal vista, e conseqüentemente, seu método científico foi por muitas vezes ignorado, já que a mesma era vista como uma história descritiva de viés antropológico, e que deixava seu valor científico originário de lado, para invadir o território da literatura.

Por outro lado, “porém, essa prática possibilitava e possibilita ao mesmo tempo, uma análise de um todo, sobre uma delimitação temática extremamente específica por parte do historiador, onde o mesmo consiste em reduzir a escala de observação, com o fim de observar, analisar e compreender coisas antes não vistas”³. Contemplando ao mesmo tempo temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades específicas, no nosso caso o reisado da região de Picos. Nesse sentido, o autor Giovanni Levi, frisa que a “micro história deveria servir como um *zoom* em uma fotografia”. O pesquisador observa um pequeno espaço bastante ampliado, mas, ao mesmo tempo, tendo em conta o restante da paisagem, apesar de não estar ampliada totalmente, ou seja, a partir da observação de um detalhe, a micro história possibilita ter uma visão, compreensão e entendimento de um todo.

Em pauta, temos que ter a noção e entendimento que, compreender como o Reisado da região de Picos, tem a ver com as manifestações do resto do país e do mundo, é possível através da prática micro – história. Já que a mesma compreende um sistema de observação que se constitui da análise do micro para o macro, ou seja, a partir de um recorte temporal ou espacial para se entender o todo. A exemplo disso, podemos analisar o reisado da Região de Picos que é (micro), e ao mesmo tempo podemos compreender e analisar os Reisados de outras regiões do País e do mundo (macro), suas formas, permanências e mudanças como foi realizado nessa trabalho.

¹ Microhistória. Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microhist%C3%B3ria> : Acesso em 13/07/2013.

² Historia oral e micro- historia: **aproximações, limites e possibilidades**. Site: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf> : Acesso em 14/07/2013.

³ JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Mico-História**. Site: <http://www.infoescola.com/historia/micro-historia/>: Acesso em 14/07/2013.

2.1 O reisado como importante legado da memória social

O Reisado e as suas várias formas de ação na região de Picos, sem deixar de lado as suas mudanças e permanências no decorrer do tempo, tem como base, o estudo e análise desse objeto histórico, as várias memórias dos que possuem a brincadeira, ou seja, os donos de reisados.

Nesse sentido, podemos compreender através desse estudo e análise, que a festa de santos reis nessa região, apesar de não possuir documentos escritos que comprovem a sua atuação nas comunidades estudadas, conseguimos através das várias memórias de sujeitos históricos, como os donos de reis, a possibilidade de se compreender as múltiplas formas de se praticar cultura. Sem deixar de lado, a possibilidade de analisar as mudanças e permanências que permeiam a experiência cultural chamada reisado.

Sendo assim, memórias como a do senhor, Samuel de Araujo Rocha de 60 anos, careta e ex dono de reis da comunidade Sítio Salvador, (povoado da cidade Santo Antônio de Lisboa), que nos possibilita um melhor entendimento de como o individuo passa de um sujeito observador da experiência cultural, chamado de reisado ou festa de santos reis, para membro ativo, onde o mesmo relata quando e como foi o seu primeiro contato com o Reisado na cidade Santo Antonio de Lisboa,

Eu era criança ainda, desde quando eu tenho em minha lembrança de sete, oito anos, nove anos, dez anos de idade, já existia o reisado lá na nossa cidade. Lá Tinha meus tios, meus primos que participavam e faziam reisado, só que o reisado daquela época, era feito do dia vinte e cinco de dezembro ao dia seis de janeiro, que simboliza a viagem dos três reis magos, Gaspar, Melchior e Baltazar que vieram seguindo uma estrela para ver o nascimento do menino Jesus, e que nessa viagem lhes trouxeram presentes simbolizando a grande viagem desses três grandes homens santos.⁴

Para melhor compreensão de como as memórias desses indivíduos entram em ação na hora de relembrar cada movimento, ação, fala e rima que a brincadeira exige por partes dos praticantes, temos que ter noção que, “as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que esta realizando uma tarefa”⁵.

⁴ ROCHA, Samuel de Araujo. Agricultor e filho de José Manoel Veloso e Enedina Carlota de Araújo. É natural da localidade Sítio Salvador município Santo Antonio de Lisboa. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara – PI, 2013.

⁵ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: **Lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.p.36.

Sendo assim, podemos perceber que esses mesmos indivíduos, ativos da brincadeira e da comunidade que a festa de santos reis esta inserida, com o passar dos anos e com o pesar da idade, não mais terão a capacidade física de realizarem tal ação, a não ser de serem lembradores do que já foi um dia o Reisado. Mas, diga-se de passagem, que sem esses indivíduos lembradores, seria impossível lidar com os dados do passado.

Ecléa Bosi é enfática ao afirmar a seguinte ideia,

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria, a de lembrar, a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade⁶.



Figura 02: Sr, Samuel de Araujo Rocha de 60 anos, organizador de reisado da região de Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) e Sussuapara.

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

Nesse sentido, podemos observar que o senhor Samuel quando faz uso das suas memórias, o mesmo tem a mesma ideia dos demais donos de Reis, que veremos a seguir, ao se referir que cada brincante carrega dentro de si um dom de brincar reisado, ou seja, segundo eles, nascem com certas habilidades. Sendo assim, com o passar do tempo isso vai se desenvolvendo naturalmente, a cada dia que passa, e isso não foi diferente na sua comunidade de origem, é o que frisa o senhor Samuel de Araújo Rocha,

Quando iniciei o reisado, eu sempre participei de quase todas as atividades, eu era verme de boi (brincava dentro do boi), era careta, eu era burrinha, ema, organizava o reisado, mas hoje estou participando como careta, deixei

⁶ BOSI, Op. cit. 1994.p.63.

de organizar reisado, mas hoje sou só careta, ajudo na organização com meu amigo, mas hoje sou só mesmo careta⁷.

Outro ponto muito interessante para análise desse trabalho são as permanências que permeiam o reisado, nesse caso especial, às localidades e comunidades estudadas, mostram que existem certas ações dentro do reisado que nos remete a uma certa ideia de permanência dentro dos reisados analisados.

Seguindo essa mesma ideia, podemos observar através da análise e estudo de outros depoimentos de dono de reis, a exemplo do senhor Antonio Borges Leal de 73 anos, que aponta que há alguns pontos que podemos analisar e indicar como semelhanças. Nesse sentido, Podemos analisar, que o senhor Antônio, lembra as mesmas características do senhor Samuel em relação a seu primeiro contato com o reisado e a sua posterior adesão ao mesmo, onde ele destaca que sua participação como careta e logo após como dono de reis, foi construída em um tempo e espaço específico,

Meu primeiro contato com o reisado foi em 1976 na minha cidade Bocaina, onde meu irmão Francisco de Assis Borges, hoje conhecido como masquinha, foi um grande careta junto comigo, brincador de todas as figuras, inclusive quando adoeceu de úlcera, ele deixou de brincar o reisado. Então depois de ele fazer isso eu continuei brincando com meus amigos, Anísio Ferreira e Luis de Chico Brejo em Bocaina, dois grandes caretas da região, depois disso eu montei meu reisado, vim de Bocaina para a Sussuapara morar e venho brincando esse reisado há quarenta anos pra cá. Eu consigo esse reisado hoje com meus companheiros, Samuel de Araujo Rocha, Abidão Bernaber, que são os caretas que me ajudam, inclusive brincador das figuras eu tenho hoje comigo, Eguinaldo Eulálio, Kleber José de Moura, Chico de Julião, Os sanfoneiros variam, uma hora é Bastim e outra hora seu Dico de Salinas⁸.

Podemos notar, que tais tarefas de rememorar lembranças antigas, diga-se de passagem, a cada dia que passa fica mais difícil de se realizar. Sendo assim, com o passar dos anos, essas mesmas memórias, antes fáceis de serem lembradas, vão ficando difíceis de serem rememoradas, porque esses mesmos indivíduos “encontram também os limites do seu corpo, instrumentos de comunicação, às vezes deficitários”⁹.

Em se tratando de rememorar certas partes da ação dentro do reisado, cada dono de reis faz uso das suas memórias individuais, que nos remete a ideia de individualidade da

⁷ ROCHA, Samuel de Araújo. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara – PI, 2013. [Grifo nosso].

⁸ LEAL, Antônio Borges. Agricultor e filho de Manoel José Leal e Joana Antônia da Conceição, Natural da Cidade de Bocaina – PI. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013. Grifo do autor.

⁹ BOSI, Op. cit. 1994, p.62.

memória, a exemplo de uma dança, de uma rima, de um poema improvisado entre outras coisas, que achamos ser comum ao indivíduo. Mas segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, quando se refere às memórias que serão recordadas pelo indivíduo, o mesmo frisa que, as memórias devem sempre estar em constante contato e concordância com os do grupo que o indivíduo pertence,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não bata que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum¹⁰.



Figura 03: Sr, Antônio Borges Leal de 73 anos, dono de reisado do da cidade de Sussuapara.

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

Como vimos, à memória parece um fenômeno individual e único da pessoa, mas através da análise e estudo da memória, podemos destacar que a memória deve ser entendida também, como um fenômeno coletivo e social, sem deixar de lado que tal fenômeno é construído coletivamente e passível a flutuações, mudanças e transformações constantes como todo processo cultural constituído. Mas, porém, devemos destacar que, na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis nas memórias desses indivíduos.

Diante deste quadro Michael Pollak destaca que,

É como se numa história de vida individual, mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente, houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p.29.

impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinando numero de elementos tonam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala¹¹.

Já o senhor José Cícero de Barros pertencente à comunidade Bocolô quando faz usos das suas memórias, assinala que o seu dom brincante surgiu a partir de criança, do contato com seus vizinhos e parentes que praticavam tal experiência cultural. Sendo assim, o mesmo ainda deixa evidente que essas contribuições foram necessárias para seu aprendizado, mas deixa mais claro, que sem um dom de brincar, seria impossível de realizar tal ação dentro da brincadeira, o mesmo ainda assinala que,

Desde meu tempo de menino, eu via meu povo brincar reisado e povo de fora também brincava perto de casa, além dos mais velhos brincarem, a maioria dos meninotes queria aprender. Quando os mais velhos faziam repentes à maioria dos meninotes lá perto de casa queria aprender e de fato aprenderam a brincar e ate mesmo cantar reisado, onde a maioria dos cantadores da minha família aprendeu brincar com os mais velhos inclusive eu, mas acredito que eu já nasci com uma facilidade de brincar, acredito que já nasci sabendo¹².

O Senhor José Cícero de Barros, ainda destaca algumas peculiaridades em relação ao seu contato com o reisado a partir do contato com seus vizinhos, familiares e visitantes que praticavam a experiência cultural na porta da casa dos seus pais. O mais interessante de se analisar, é que o seu Creu (como é conhecido), nessa época em que o mesmo frisa, nem imaginaria que um dia viria a se tornar um exímio praticante de tal experiência cultural, o mesmo diz que,

Lembro que com minha família, amigos e conhecidos desenvolvi o meu dom de brincar reisado, já tentei brincar em quase todas as animações, mas o que eu sempre gostei e levo jeito pra fazer, é ser careta mesmo. Vou logo direto pego minha careta faço o meu repente e saio de porta em porta pra visitar a casa dos compadres que me convidaram para brincar reisado no terreiro de suas casas, mas se faltar alguém pra brincar com alguma figura eu vou logo pego o bicho e vou dançar no meio do terreiro. Mas quando comecei a praticar reisado, nunca imaginei que conseguiria aprender tão rápido, alias nem se quer sabia se iria aprender um dia, mas bem, estamos ai hoje¹³

¹¹ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**: estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992. p.2.

¹² BARROS, José Cícero de. Agricultor, filho de Cícero Brechó de Barros e Maria Aurora da Conceição. Natural do povoado Bocolô, pertencente ao município de Picos – PI. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Bocolô- PI, 2013. Grifo do autor

¹³ BARROS, José Cícero de. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Bocolô- PI, 2013.

As memórias do senhor José Cícero de Barros, assim como as dos demais donos de reis que praticavam tal experiência cultural, seguem um padrão de análise, que podemos tomar como base, o autor Michael Pollak, quando o mesmo frisa que as memórias, podem sim detectarem pontos relativamente invariantes e imutáveis. Mas que por outro lado, de certa forma também podem acontecer flutuações e mudanças, no decorrer do tempo.

Nesse sentido, para melhor compreensão dessas memórias, o autor, ainda esquematiza os elementos constitutivos da memória individual e coletiva, para análise dessas variações, onde o primeiro a ser pautado e analisado, como elemento constitutivo, são os acontecimentos (vividos pessoalmente). Em segundo lugar, são os acontecimentos que o mesmo intitula de acontecimentos vividos por (Tabela), ou seja, são acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade na qual o indivíduo está inserido são acontecimentos que a pessoa nem sempre presenciou.

Outro elemento constitutivo da memória segundo Pollak é a memória constituída por (pessoas/ personagens), ou seja, “são personagens que realmente são encontradas no decorrer da vida pelo o indivíduo, ou simplesmente, frequentados por tabela, indiretamente”¹⁴. E Por fim o autor ainda destaca um ultimo elemento constitutivo da memória, (os lugares). Nesse sentido, segundo o autor, existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico, podendo ser ou não um lugar real vivenciado por aquele indivíduo lembrador.

Segundo Michael Pollak,

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos¹⁵

Para análise, estudo e compreensão das muitas memórias que esses indivíduos retêm sobre o reisado nas respectivas regiões estudadas, devemos ter em mente, que a estrutura social da memória, por ocasião é fruto não de um único indivíduo, mas do grupo social que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, podemos entender que são os indivíduos que lembram, mas são os grupos sociais que determinam quando deve ser memorado, e como devem ser lembrados tais fatos do passado.

É o que diz o sociólogo e antropólogo Maurice Halbwachs,

¹⁴ POLLAK, Michael, Op. cit. 1992. p.2.

¹⁵ Idem., p. 3.

Claro, se a nossa impressão pode se basear não apenas nas nossas lembranças, mas também nas dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas¹⁶.

De acordo com as análises feitas anteriormente, fica evidente que a duração de uma memória está ligada a duração da memória do grupo, e que há de certa forma, uma necessidade de preservação de comunicação entre os integrantes de um grupo para que a memória permaneça intacta. Ou seja, que quanto mais inseridos estiverem os senhores Antonio Borges, José Cícero e o senhor Samuel de Araujo com os seus grupos ou suas instituições sensíveis, mais condições terão de captarem suas memórias.

Sendo assim, para uma melhor compreensão das memórias dos indivíduos analisados nesse trabalho, utilizamos o método da história oral, como importante ferramenta, porque como bem sabemos a História oral “pode assumir diferentes formas, tendo como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade¹⁷.” Nesse caso específico, os grupos de reisados nas regiões analisadas.

Nesse sentido, o método da história oral tornar-se cada vez importante para a pesquisa histórica, porque é ao mesmo tempo um recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades, nesse caso, as comunidades que estão envolvidas com a prática cultural chamada de reisado.

É o que enfatiza a autora Valeska Fortes Oliveira,

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes¹⁸

Da mesma forma, Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, tratam o método da história oral como um fenômeno capaz de aproximar a vida de seres humanos possibilitando um maior entendimento e estudo sobre esses indivíduos. Além de destacar que o método da história oral, tem a sua importância para o meio científico e a sua presença gera possibilidades de angariar novas fontes, antes não analisadas,

¹⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p.29.

¹⁷ SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **História oral**: vozes, narrativas e textos. Cadernos de História. n.6.2007.p.192.

¹⁸ OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação, memória e histórias de vida**: usos da história oral. História oral, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. Jan./Jun. 2005.p.94.

A história oral não tem que lutar constantemente para reivindicar um espaço no âmbito das ciências sociais, pois sua proposta metodológica adquiriu validade e competência; entretanto, o que pretende atualmente é mostrar sua potencia, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados.¹⁹

Já o historiador Michael Pollak, também vê com bons olhos o método da histórica oral, pois o mesmo entende que esse mesmo método, oferece a oportunidade de dar voz e vez aqueles que jamais antes tiveram a possibilidade de expressar suas histórias, seja por falta de oportunidade ou pela falta de documentação escrita, é o que o frisa o autor,

Numa atitude quase que militante, quer dar palavras àqueles que jamais a tiveram, daí essa vontade de reabilitar o subjetivo frente ao objetivo cria-se assim uma oposição entre história oral e historia social quantificada, enquanto eu, por mim, não vejo oposição, e sim continuidade potencial.²⁰

De acordo com as análises feitas anteriores, podemos tomar como base, a ideia de que, a História Oral é uma fonte rica e complexa, há, no entanto, uma decisão metodológica a se tomar nesse campo que é a opção de usar esta fonte como uma técnica ou como um método. De acordo com as leituras feitas sobre o tema, para mim a segunda opção é a mais cabível de ser realizada. Nesse sentido, se tomarmos a história oral como método propriamente dito, estaremos utilizando uma fonte em si e não somente um completo de fonte, até porque “se as fontes orais podem de fato transmitir informação fidedigna, tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”²¹.

2.2 O conceito de reisado na ótica de quem organiza e pratica tal experiência

Outra característica que podemos analisar como permanência e semelhança entre os reisados das regiões analisadas, é a forma de se tentar conceituar o reisado pelos donos de reis. Sendo assim, tomemos como base o depoimento do senhor José Cícero de Barros conhecido por seu Creu, onde o mesmo tenta explicar com o seu senso comum o que seria reisado,

¹⁹ AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 08 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p.18.

²⁰ POLLAK, 1992.p.11.

²¹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo:Paz e Terra, 1998.p.137-138.

É uma animação que vem do começo do mundo, penso que reisado começou quando o menino Jesus nasceu lá na cidade de Belém, onde três reis do Oriente foram visitar o menino. Só que o rei Herodes disse quando vocês voltarem passem aqui na minha casa que eu quero saber e visar a criança também, só que ele queria era matar o menino! Mas eles não passaram na casa de Herodes, pois eles sabiam da vontade do rei de achar o menino, pois quando eles passaram por a terra de Herodes foram dançando reis, para disfarçar²².

Nesse sentido ao se tentar conceituar o que seria reisado, seu Creu, mesmo com sua visão de sendo comum sobre a experiência cultural chamada reisado, vai de quase encontro ao conceito de reisado idealizado pelo sociólogo Oswald Barroso, onde o mesmo frisa que só conseguiu chegar a esse conceito a partir de suas leituras e análises de diversos autores, e principalmente folcloristas e antropólogos, é que o mesmo diz de forma bem resumida, mas ao mesmo tempo abrangente,

O reisado é um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos reis magos à Belém, e se desenvolve, em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses, incluindo obrigatoriamente o episódio do boi²³.



Figura 04: Sr, José Cícero de Barros, careta e ex dono de reisado do povoado Bocolô.

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

Da mesma forma que o seu Creu tenta explicar a origem do reisado, o Senhor Samuel de Araujo Rocha, não faz diferente, improvisa logo uma rima que traz como explicação a origem do reisado, a partir da visita que os magos do Oriente fizeram ao menino

²² BARROS, José Cícero de. Agricultor, filho de Cícero Brechó de Barros e Maria Aurora da Conceição. Natural do povoado Bocolô, pertencente ao município de Picos – PI. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara - PI, 2013. Grifo do autor.

²³ BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Disponível em <http://www.oswaldbarroso.com.br/arquivos/orisobrincante.pdf>. Acesso em 10 de agosto. 2012.

Jesus que acabara de nascer, e que deu origem a essa festa que ele tanto ama fazer, onde ele enfatiza que “Brilhou uma grande estrela com um brilho diferente a qual chamou a atenção dos sábios do Oriente, que seguiram aquela luz e vieram ver Jesus e lhe trouxeram presentes”²⁴

Tentativas de conceituação do reisado por partes de autores interessados no assunto, sempre foram uma constante, mas ao mesmo tempo esclarecedor, buscando através do empirismo as formas de se tentar entender tamanha complexidade da cultura chamada reisado, é o que faz o Sociólogo Picoense Edimar Luz,

Como sabemos, reisado é uma dança dramática tradicional que consiste na adaptação coreográfica de romances e cantigas populares, com versos religiosos ou humorísticos em louvor dos reis magos, e, por isso, executada por grupos que cantam e dançam, sobretudo na véspera e no dia de reis, 6 de janeiro, tendo como acompanhamento instrumental, uma sanfona ou harmônica, zabumba etc. Que animam/alegram as toadas dos reisados.²⁵

Podemos notar que Edimar Luz, faz usos das suas ideias sobre o reisado, como se o mesmo como prática cultural fosse estático e não passível de mudanças, obedecendo ao mesmo tempo uma estruturação única e absoluta. Não devemos esquecer que reisado é cultura e que toda cultura é maleável, plástica, ou seja, passível de mudanças.

Para Theo Brandão, o reisado que aqui no Brasil chega é um folguedo originado da aglutinação de vários outros, tendo no entremeio do boi o seu ponto culminante, tem origem Portuguesa, especificamente nas janeiras e reis portugueses. Em segundo lugar mostra que em muitos lugares a denominação boi ou reisado permanecem sendo que em outros se fixou a denominação Boi.

Theo Brandão vai mais além quando denominado o reisado de Alagoas como,

È uma espécie de revista popular, folclórica, em que os números de canto, dança e declamação de obras poéticas decoradas ou de improviso dominam quase toda a parte dramática, constituída pelos entremeios, entremeses, representações curtas e pobres, acompanhadas também de outros cânticos e danças. Suas raízes se encontram nas janeiras e reis portugueses, bandos precatórios, que vão pedir reis e cantar boas festas em Portugal, o grupo de reis chama-se ainda, no feminino, reisada, e reiseiros e nas mouriscadas, Dança dos pauliteiros e das arraianas. Apresenta, no estado de Alagoas, personagens dos entremeses portugueses, o boi e o cavalinho, e totêmicos ou míticos africanos. Ultimamente, o reisado alagoano, principalmente na forma

²⁴ ROCHA, Samuel de Araujo. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara – PI, 2013.

²⁵ LUZ, Edimar. **Recordando o reisado**. <http://www.portalfcs.com.br/imprime.php?id=6464>. Acesso em 08 de agosto de 2013.

do guerreiro, sobre influência dos Congos, Pastoris, Cheganças, Caboclinhos.²⁶.

Dessa mesma ideia comunga o sociólogo Edimar Luz²⁷, onde no seu artigo intitulado, Recordando o reisado, aborda a seguinte ideia, que o reisado é uma das múltiplas manifestações folclóricas que compõe o espaço cultural da região de Picos, teve sua origem nas festas portuguesas denominadas Janeiras, que começa desde o natal ate o carnaval.

Para o senhor, Antônio Borges Leal, dono de reis da cidade de Sussuapara, o reisado tem na sua forma algo mais além que uma brincadeira, é um dia de muita alegria e devoção, onde brincar reisado não é só uma obrigação é um prazer,

Eu não tenho um tanto de conhecido da escritura sagrada, mas tenho explicação por uma parte de mim, que o reisado se refere à oportunidade do folclore brasileiro de fazer uma lembrança de quando Jesus cristo começou no mundo e deixou um discípulo dele chamado santo reis, e é através desse discípulo chamado santos reis, que foi começamos esse reisado por esses enfrentastes do inicio do mundo. Por isso precisamos comemorar Santos reis, não por obrigação, mas por uma devoção e agradecimento por ele ter conhecido o menino Jesus.

Notemos que o senhor Antônio, não tem um conhecimento sobre o que viria a ser a passagem bíblica dos santos reis do Oriente, onde o mesmo se refere “o santos reis”, como uma única pessoa, mas que na realidade isso biblicamente falando, podendo ser mais de uma pessoa.

Nesse sentido, é interessante destacarmos que não existe base na história da bíblia que destaque a quantidade exata desses indivíduos, sendo conhecidos como, Baltazar, Gaspar e Melquior. Foram mencionados apenas no Evangelho segundo Mateus, onde se afirma que teriam vindo "do leste" para adorar o Cristo, "nascido Rei dos Judeus”, mas o mais interessante ainda, é que não há relatos bíblicos sobre o nome desses magos.

Sendo assim as pessoas creem que são três, por que analisam a quantidade de presente deixada por eles, sendo eles, incenso, ouro e mirra cujo significado e simbolismo espiritual Somando-se com o episodio da visitação dos magos, ser um resumo do evangelho e da fé cristã. Sendo assim, não importa a quantidade para os praticantes de reis, mas sim a comemoração do que viria a ser o nascimento de Cristo, e como diz o senhor Antonio Borges Leal, “que viva o Santo reis”.

Essa mesma ideia nos remete a ideia extraída do sociólogo Oswald Barroso, onde o mesmo destaca o tempo cíclico do reisado, ou seja, toda renovação de tempo sagrado

²⁶ BRANDÃO, Théo. **O reisado Alagoano**. Editora UFAL, Alagoas, 1953.p.11.

²⁷ LUZ, Op. cit. 2012.p.1

acometido pelo nascimento de cristo e que todo ano volta a se renovar, assim o autor destaca que cada dono de reis acredita que,

Para eles, o reisado é uma criação divina e veio do começo do mundo. Pelo menos, do mundo criado com o nascimento do Deus menino. Por isto, seu tempo é um tempo sagrado, não cotidiano. É um tempo cíclico, que tem início todos os anos e periodicamente se renova. Para a maioria, tem começo no início do ano, no dia 1 de janeiro, para outros, na noite mesmo de natal. O reisado é assim um rito de renovação do mundo, do mundo sagrado, crido por Deus e recriado pelo menino Jesus, no dia do seu nascimento²⁸.

2.3 A estruturação do reisado com base em outras regiões

Antes de qualquer análise de mudanças e permanências na estruturação dos reisados analisados na grande região de Picos e em outros estados feito por esse trabalho, é preciso salientar que existem outras formas de se denominar e praticar reisados. Este conceito engloba diversos tipos de Reisado como, reisado de Damas, reisado de Caretas, reisados de Congo, de caboclos, entre outros que possam surgir.

Para Oswald Barroso, “Muitas vezes, a denominação dada pelas populações locais aos seus Reisados sofre influências de fatos e costumes locais²⁹”. Sendo assim, se forem denominados de outra forma, desde já não nos causará estranhamento, pois como bem sabemos, reisado é cultura e cultural é maleável e passível de mudanças.

Sendo assim, outra possibilidade de análise em relação às mudanças na forma de se comemorar o dia de santos reis pode ter como base, o estudo da estruturação acometida por quem realizada tal experiência cultural. Tomemos como base o estudo do autor Raimundo Rajobac, intitulado: *Religiosidade popular: Reisado em Balsas (MA)*, uma experiência do sagrado, podemos notar que o mesmo faz uma análise sobre o modo de como é realizado os festejos (rezas) de comemoração ao dia dos santos reis em Balsas no Maranhão.

Característica de mais fervor devocional é detectada no estudo do autor, onde o mesmo não busca mostrar o caráter folclórico, a exemplo de ornamentações e estruturas de entremeios, ou seja, figuras animais como a maioria dos reisados, mas pelo contrario, parte da análise referente à especificidade da comunidade. Deixando claro e evidente a conotação religiosa e devocional que o reisado daquela região manifesta, é o que enfatiza o autor quando diz,

²⁸ BARROSO. Op. cit. 2012.p72.

²⁹ Ibid. 2012.p.32.

A festa (reza) acontece no dia seis de janeiro, na casa de quem está pagando a promessa. É possível que se encontre, por menor que seja a cidade, várias comemorações (rezas) no mesmo dia. Nesse dia a preparação é bem maior, a simbologia também se enriquece. É facilmente notada a realização de um ritual. Naquele momento, “tira-se o Reis”, em três casas antes da casa do pagador da promessa. Acontece uma verdadeira reunião de comunidades, vizinhos, pais, filhos: famílias inteiras se encontram nesse momento. Nesse dia, a casa por mais pobre que seja, mostra sua elegância. O pagador da promessa usa dos mais diversos símbolos. Ornamentada de forma singela a casa do pagador da promessa adquire um brilho diferente. No centro encontra-se o altar com o quadro dos Três Reis Magos, e junto a ele, uma variedade enorme de imagens e fotos dos mais diversos santos e santas³⁰.

Mudança na hora da realização da comemoração do dia de reis também pode ser notada no trabalho da autora Eloísa Brantes, intitulado: *A Espetacularidade da Performance Ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina – Bahia)*, onde O ritual de visita do Reisado, é prática religiosa do catolicismo rural, se baseia nas relações de troca material e experiência espiritual entre o grupo de devotos e as pessoas visitadas. Onde caráter devocional e peregrinal, ganha mais espaço do que qualquer outra coisa é o que cita a autora,

No contexto do catolicismo popular, o Reisado é uma forma de devoção associada ao episódio bíblico da visita dos três Reis Magos ao menino Jesus. Entre o dia 25 de dezembro e 6 de janeiro, os reiseiros peregrinam pelas comunidades rurais vizinhas entrando de casa em casa. O ritual da visita é baseado numa relação de troca material e espiritual entre os devotos, o dono da casa e o Santo Reis. Os devotos abençoam a casa com cantos sagrados e recebem dinheiro dos donos das casas para a realização da festa em homenagem ao Santo, que acontece no final do período de peregrinação³¹.

De acordo com o senhor Samuel de Araújo Rocha, da comunidade Sítio Salvador (município de Santo Antônio de Lisboa), o reisado da sua região, segue uma estruturação da seguinte forma: se inicia no dia 25 de dezembro na festa de natal, onde eles erguem o presépio na capela da sua comunidade, seguindo até o dia do seu termino no dia 06 de janeiro, que é desmanchado o presépio, onde marca o fim das comemorações do dia de reis.

No Reisado da cidade Caxias do Maranhão analisado pela a autora Paloma Sá de Castro Cornélio, a sua forma de estruturação vai de encontro com as dos senhores, Samuel (Sítio Salvador), a do senhor Antonio Borges (Sussuapara) e do senhor José Cícero de Barros (Bocolô), onde a autora indica a seguinte afirmação,

³⁰ RAJOBAC, Raimundo. **Religiosidade popular**: Reisado em Balsas (MA), uma experiência do sagrado. Revista espaço acadêmico – N° 118 - março de 2011.p.134. Grifo meu.

³¹ BRANTES, Eloísa. **A espetacularidade da performance ritual no reisado do mulungu chapada diamantina** – Bahia: Religião e sociedade, Rio de Janeiro, 2007.p.25.

A festa transcorre em forma de visitação, sendo a casa visitada o palco de apresentação. O grupo vai até a porta da casa de alguém previamente acordado, que deve estar fechada e com as luzes apagadas. Os cantadores entoam os versos de abrir a porta, o dono da casa vai atender e confirma aos caretas que os bichos podem dançar no terreiro, que o dono vai pagar pela festa. Dada à permissão, cada brinquedo (brinquedo, se refere ao boneco animado, que o brincante veste para brincar) tem seu tempo e música para se apresentar, sempre acompanhado pelos músicos e caretas, que formam um círculo, cujo brinquedo vai dançar dentro³².

Como bem sabemos os reisados da região de Picos, assim como de outras regiões, têm como característica abordar temas religiosos e ao mesmo tempo humorísticos e às vezes somente religioso ou humorístico. Sendo assim, quando analisamos a fala do senhor Antônio Borges Leal, da comunidade Bocolô, notamos que há alguma semelhança entre os demais reisados analisados nesse trabalho, é o que diz o senhor Antônio referente o reisado, “todos nós que participamos no nosso reisado, somos religiosos, porque nossa principal função além de brincar reisado, é agradecer ao santo reis pela graças que ele nos concedeu, seja na cura de alguma doença ou outra coisa que a pessoa alcançou nessa vida dura³³”.

No trabalho de conclusão de Curso de Patrícia da Rocha Ibiapino, a mesma destaca a seguinte ideia, que os grupos de reisado de Picos, apresentam semelhanças entre si por se encontrarem em um contexto geográfico e econômico em comum. A mesma destaca ainda, que cada comunidade, “Possuem também diferenças, que são notadas tanto na estrutura, como na própria história de cada um, que mostra características específicas mudando ao longo dos períodos de existência³⁴”.

Embora Patrícia faça também uma análise dessas mudanças em um contexto das letras cantadas do roteiro de apresentação das comunidades de (Torrões, Riachão, Pitombeiras, samambaia, Bocolô e no bairro Ipueiras) que mudam de região para região, a partir dessas análises, podemos constatar que cada região pode sim, manifestar mudanças na sua estruturação. Sendo assim, deixando cada vez mais claro e evidente que, por se tratar de cultura, é totalmente passível, o reisado sofrer mudanças tanto na sua forma como na sua estruturação.

Patrícia da Rocha Ibiapina é enfática de acordo com suas leituras ao afirmar que “as diferenças não existem apenas quando feita comparação de manifestações culturais existentes

³² CORNELIO, Paloma Sá de Castro Cornélio. **De santos reis ao papai Noel: processos de modernização no natal maranhense**. Porto Seguro, 2005.p.2.

³³ LEAL, Antônio Borges. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.

³⁴ IBIAPINA, Patrícia da Rocha. **O folguedo reisado na macrorregião de Picos**. Picos: UFPI, 2012. p.30.

em Municípios ou Estados diferentes. O pluralismo de formato das apresentações existe até mesmo dentro de um mesmo Município”³⁵. Sendo assim, podemos notar que o reisado tanto de Picos como da região em si, possuem características específicas.

É o caso do senhor José Cícero de Barros, onde enfatiza que algumas coisas ficam impossíveis de não serem modificadas, até porque o seu público se renova, onde ele destaca que a sua comunidade cresceu e da mesma maneira precisa renovar algumas coisas, é o que diz o senhor Creu,

Algumas das toadas, são cantadas da forma como sempre existiu e outras eu inventou com meus companheiros eu acredito que é necessário estar sempre se renovando até porque é positivo para a brincadeira, pois o público não se cansa de acompanhar até hoje, e isso é gratificante, por isso eu às vezes tenho que renovar algumas coisas na brincadeira³⁶.

Neste mesmo caso, afirma Cícera Nunes e Piedade Lino Videira, relacionado às mudanças ocorridas dentro do reisado, a partir da transmissão de conhecimentos, porque como bem sabemos, “O saber do reisado assim como nas culturas de tradição oral, é passado de geração a geração, na maioria das vezes de pai para filho. A transmissão dos conhecimentos dá-se através da oralidade³⁷”.

2.4 O figural dos reisados nas comunidades analisadas

Os reisados analisados nas comunidades Bocolô (Picos), Sussuapara e Sitio Salvador (Santo Antônio de Lisboa) trazem nas suas estruturações semelhanças bastante interessantes. Na parte figural (que aparentam possuírem formas humanas) do reisado, ambas as localidades possuem figuras com formas humanas bastante semelhantes sendo eles, três caretas, uma Dama (representada sempre por um homem vestido de mulher), Joaquim da costa Barreira e a sua Dama, a velha da cumbuca ou cabeça de fogo, o velho e por ultimo o Moreira (estrutura que parece um homem em cima de uma burrinha).

O senhor Antonio Borges Leal, destaca na sua fala, a função de cada figura dentro do reisado, o mesmo ainda deixa claro que nunca ocorreram mudanças na parte figural do seu reisado, onde ele frisa que,

³⁵ IBIAPINA, Op. cit. 2012.p. 28.

³⁶ BARROS, José Cícero de. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.

³⁷ NUNES, Cícera; VIDEIRA, Piedade Lino. **O reisado**: expressão da cultura de base africana no cariri Cearense. XI congresso Luso Afro Brasileiro de ciencias sociais, Diversidades e (des)igualdades. Salvador.2011.p.5.

A dama tem como objetivo fazer parte de uma dança ou forró para dançar com os caretas e o velho, ou seja, a função dela é dançar com eles. O Joaquim da costa barreira é uma estrutura que ele chega manda parar a brincadeira onde ta tocando qualquer música, manda parar a música, cumprimenta o dono da casa e pede licença pra dançar um forro com sua dama, onde o dono da casa da permissão, então ele começa a dançar com sua dama, o velho começa botar inquisição onde os dois brigam na festa e por ultimo o velho expulsa o Joaquim da festa e por ultimo sai a dama. O Moreira, que é um sistema de cabeça de um homem em cima de um sistema de cavalo, onde ele brinca, faz dança como um cavalo marchando dentro da brincadeira. Vem à velha da cabeça de fogo chega dançando sozinha, faz dança com os caretas, com o velho, faz tudo dentro da brincadeira. São essas as minhas figuras que desde que me conheço por gente eu tenho no meu reisado³⁸.

Paloma Sá de Castro Cornélio destaca algumas mudanças na estrutura do figural do reisado de Caxias do Maranhão, a mesma destaca mudanças tanto na quantidade como nas inovações que ocorrem na região em se tratando de cultura. Sendo assim, a mesma destaca que os brinquedos, ou personagens variam um pouco entre os grupos visitados, inclusive no de um Dono de reis chamado Sebastião Chinês onde, “são oito caretas, uma nega véia ou cabeça de fogo”³⁹. Nesse sentido podemos analisar algumas mudanças quantitativas na região de Caxias com as regiões analisadas na macrorregião de Picos.

No livro intitulado Os verdes anos Cinquenta, do autor Renato Duarte, destaca um reisado que provinha da Rua da Malva, na cidade de Picos, onde os integrantes se exibiam nas localidades mais próximas. O autor também destaca algumas mudanças na estruturação do reisado naquela época, fazendo comparações das cantigas, rimas e versos entre as comunidades do Riachão (Itainópolis), Rua da Malva e do Bairro Ipueiras (ambas na cidade de Picos) e ainda destaca mudanças quantitativas na brincadeira,

Os integrantes do reisado eram os caretas, cujo número variava de seis a doze, dependendo do reisado; os tocadores de rebeca e sanfona estavam também, chamada de harmônica; os bichos que eram as figuras centrais do folguedo: boi, a burrinha, o Jaraguá, o lobisomem e a velha do fogo; e os dançadores, que davam movimentação as figuras de acordo com a coreografia própria de cada um [...] Já a velha do fogo era a única figura que tinha forma parecida com um ser humano, como o seu nome sugere⁴⁰.

De acordo com as informações anteriores, podemos perceber que tanto a parte estrutural, como a parte figural do reisado, pode sim, sofrer alterações de região para região,

³⁸ LEAL, Antônio Borges. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013. Grifo do autor.

³⁹ CORNELIO, Op. cit. 2005. p.3.

⁴⁰ DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. Ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995.p.82.

ou de comunidade para comunidade envolvidas com a experiência cultural. Sendo assim, Notamos também que a parte quantitativa da brincadeira mudou e permanece mudando a cada dia que passa em outras regiões.



Figura 05: A parte do figural dos reisados analisados (o velho, a dama, o Moreira, João da costa Barreira e a sua Dama)⁴¹.

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

É o caso do reisado de Damas do Bairro Ipueiras, analisados pelo trabalho dos estudantes de letras intitulado de Folclore de Picos, onde os mesmos destacam a quantidade e o modo de se distribuir as figuras humanas dentro da brincadeira,

Os personagens são compostos por, dois caretas que usam máscaras, bastões, paletós escuros e pano amarrado na cabeça. Os caretas são a peça fundamental do reisado. Fazem repentes, contam histórias e piadas, divertem o público. Tem o primeiro e o segundo galantes, usam capuz enfeitado com fita vermelha... A primeira e segunda Dama são homens trajados de mulheres e tem o Lacau, que usa uma túnica cáqui e um gorro na cabeça⁴².

Segundo o sociólogo Luciano de Melo Sousa, que apresenta no seu trabalho intitulado As tradições rurais e a velhice, o mesmo ainda faz uma descrição linear da brincadeira, além da contextualização e percepção de algumas particularidades dentro do reisado no Brasil. O mesmo ainda enfoca no seu trabalho a ideia de mudança constante referente às multiplicações acometidas nas formas do reisado no Brasil. O autor é ainda mais enfático quando com propriedade faz a seguinte afirmação,

No meio dessa diversidade de possibilidades, a brincadeira do reisado do Cipó de Baixo, quando feita na sua totalidade, consta das seguintes partes: canto do hino de Santos Reis, diálogo entre o “capitão” e os “caretas”, o baile com as “damas”, apresentação da “burrinha” e, por fim, brincadeira com o boi Antes, porém do canto do hino, verifica-se a aglomeração da

⁴¹ Nota: Figuras pertencentes ao reisado da comunidade Bocolô (Picos) e Sítio Salvador (santo A. de Lisboa), remetendo uma ideia de permanência entre as comunidades envolvidas.

⁴² LEAL, Antonia santos; MOURA, Ana Regina Barros Leal; NETA, Francisca dos Santos. **Folclore de Picos**. Picos: FUFPI, 1988. p.28.

platéia no terreiro da casa do capitão. Vão chegando e cumprimentando os conhecidos até formarem grupos de afinidade. As crianças ficam mais próximas dos pais apesar de se deslocarem, por vezes, por conta de alguma brincadeira.⁴³

Tomemos como exemplo o trabalho de Paloma de Sá de Castro Cornélio, que traz algumas informações sobre o número de figural presente na região de Caxias, onde os caretas, que fazem todo o sistema de verso e rima, podem variar de forma e quantidade. No trabalho da autora, podemos notar que nem todos concordam com o aumento de figuras no reisado, principalmente no aumento no número de caretas que fazem parte do sistema de verso e rima além de representarem os três reis magos vindos do Oriente para visitar o menino Jesus. A autora traz a fala de dona Nair e dona Ritinha que são donas de outros reisados na cidade de Caxias no Maranhão, onde a autora frisa que,

Me disseram que quem coloca mais de três caretas para brincar ganha lugar na terra mas não ganha no céu. Afinal, eram apenas três reis que levaram presentes na manjedoura que Jesus nasceu, mas Bastião Chinês (outro dono de reis da região) me explicou que com vários fica mais animado, diverte mais o povo. Disse que tem muita gente querendo brincar, por isso aumentou o número de caretas, apesar de saber que foram apenas Baltazar, Gaspar e Belchior os visitantes. Para cada personagem que aparece na brincadeira, Bastião tem uma explicação. Eram os animais que estavam presentes no nascimento de Jesus⁴⁴

A autora frisa que Bastião, apresenta em seu reisado formas variadas de se brincar reisado, em comparação aos reisados analisados na região da grande Picos, onde a mesma destaca que o senhor Bastião lá em Caxias do Maranhão com o seu reisado faz com que Cada noite, uma região da cidade seja visitada pelos Caretas. Além dos brincantes que “saem nos brinquedos, acompanham o grupo, seis músicos, quatro cantadores e a senhora que carrega a imagem do santo. Os instrumentos são dois banjos, dois pandeiros, um triângulo e um tan-tam, espécie de tambor”⁴⁵.

⁴³ SOUSA, Luciano de Melo. **As tradições rurais e a velhice**. Natal/ RN. 2012.p.2-3.

⁴⁴ CORNELIO, 2005. p.3.

⁴⁵ Ibid, 2005. p. 4.



Figura 06: Os três caretas pedindo permissão para entrar na casa do convidado na comunidade Bocolô (Picos) e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa)– PI
 Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

De forma mais diferente o autor Raimundo Rajobac, frisa que o reisado em Caxias do Maranhão não apresenta uma forma de figural como as outras regiões analisadas, ou seja, parte literalmente da participação presencial de pessoas como, cantadores, sanfoneiros, rezadeiras entre outras, é o que frisa o autor,

Por toda a noite, as cantadeiras, cantadores e sanfoneiros, visitam as casas, cantando o hino a Santos Reis, e recebendo a esmola, que é oferecida de acordo com a disponibilidade de cada um. Esta é a rotina de todas as noites até que chegue o dia da festa [...] Qual a motivação para tal atividade? A motivação parte de uma pessoa, grupo ou família que faz a Santos Reis sua promessa. Aqui encontramos os critérios de duração da promessa, sua modalidade e como deve ser conduzida⁴⁶.

Por outro lado, de forma não muito diferente dos demais donos de reis analisados nas outras regiões que compõe a Cidade de Picos, o senhor José Cícero (do povoado Bocolô), frisa que nem sempre modificou seu figural, que sempre pretendeu mantê-las do jeito que está,

Na minha época, era difícil arrumar a brincadeira, por ser cara e não ter tanto dinheiro pra pagar a feitura da brincadeira. Além do mais, meus compadres não tinham também dinheiro para pagar tal feitura, mas sempre que podia, eu me apresentava com os três caretas, uma dama, um velho, a velha da cumbuca de fogo, as outras eu adquiri com o passar dos anos. Mas essas sempre foram as principais figuras que eu comecei no meu reisado e sempre permaneci dentro da brincadeira, posso até aumentar um dia, mas hoje quando organizo prefiro escolher o mesmo figural⁴⁷.

⁴⁶ RAJOBAC, Op. cit. 2011.p.133. [Grifo nosso].

⁴⁷ BARROS, José Cícero de. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara - PI, 2013.

Sendo assim, a partir da análise desses três donos de reis, podemos notar que há certa padronização na quantidade de integrantes que fazem a parte figural dos chamados caretas, pois os mesmos não passam de três. Podem de certa forma ser substituídos na hora do cansaço do careta original (sem modificar a quantidade de caretas) por outra pessoa que saiba improvisar rimas, poesias ou repentes. Em se tratando das outras figuras humanas dentro da brincadeira, pode às vezes modificar-se, seja de nome, de quantidade ou de performance sem muito interferir no andamento da brincadeira, como é o caso das outras comunidades da cidade de Picos analisadas anteriormente, a exemplo do Bairro Ipueiras e Malva.

2.5 Os entremeios e as mudanças ocorridas na sua estruturação dentro do reisado

Podemos observar de acordo com as análises feitas anteriormente, que tanto a parte estrutural, como também a parte figural do reisado pode com o tempo modificar-se de acordo com a região ou comunidade que a experiência cultural está inserida. Nesse sentido, podemos entender e compreender que em se tratando de cultura, as maleabilidades e as plasticidades, podem ocorrer a qualquer momento, por que isso é característico de toda e qualquer cultura. E não seria diferente com uma a experiência cultural repleta de complexidade como o Reisado.

Para entendermos um pouco mais sobre as maleabilidades que a parte das figuras animais entendidas neste trabalho como entremeios modificam-se de acordo com a comunidade envolvida, tomemos emprestado o conceito de entremeios que o autor Oswald Barroso tem sobre o assunto, onde o mesmo diz que,

Entremeios são quadros cênicos que compõem o reisado. Seus personagens não fazem parte da estrutura fixa da brincadeira, entram apenas na cena que lhes cabe. Geralmente são chamados ao terreiro pelos brincantes, com uma peça cantada, para no final de seu quadro se despedirem. Podem ser bichos e tipos humanos, ou até mesmo seres híbridos nascido do imaginário da brincadeira⁴⁸.

Sendo assim, se o imaginário da comunidade interfere direta ou indiretamente na criação de novos personagens, seja animalesco ou de forma humana dentro do reisado, temos que ter a noção e entendimento, que isso é essencialmente produto da cultura e que certas maleabilidades são produto dessa cultura que o indivíduo está inserido.

Em se tratando de cultura, podemos tomar como base o autor Roque de Barros Laraia que trabalha o conceito de cultura, a partir do conceito de Edward B. Tylor, segundo a qual

⁴⁸ BARROSO, Op. cit. 2012.p.117

cultura é “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”⁴⁹. Sendo assim, o autor ainda assinala que quando cultura é tomada no seu sentido etnográfico mais amplo, chegamos a essa definição de cultura.

De acordo com a análise do autor, podemos compreender que o homem é de certa forma o resultado do meio cultural em que vive, passando a cada dia a apropriar-se da cultura do outro, ou seja, “toda experiência de um indivíduo é transmitido aos demais, criando assim intermináveis processos de acumulação.”⁵⁰ Tudo o que o homem faz ou produz, é resultado do aprendizado com o seu semelhante sem imposições fora da cultura.

Sobre a importância dos entremeios dentro da brincadeira, Oswald Barroso, ainda é enfático ao afirmar que cada bicho possui a sua importância por se tratarem dos animais que segundo os brincantes, estavam presentes no nascimento do menino Jesus, sendo assim, toda essa estruturação na brincadeira é encontrada nos demais reisados por ele analisado, o autor vai mais além ao afirmar que,

Outros entremeios constituem-se de pequenos dramas e, mais usualmente, de comédias, ou até mesmo de contradanças, como nos Reisados de bailes e de congos. No Reisado de Caretas, assim como nos demais Reisados cearenses, os entremeios obrigatórios são o do Boi e o da Burrinha, porque animais presentes no presépio, durante a visita dos Reis Magos, segundo o entendimento dos brincantes. O Boi e a Burrinha foram encontrados em todos os Reisados por nós pesquisados⁵¹

Ainda segundo a ótica o autor Oswald Barroso, os demais bichos e entremeios não são obrigatórios dentro da brincadeira, muitas vezes aparecem com nomes diferentes, embora com características semelhantes, e isso não é diferente nos demais reisados analisados nesse trabalho.

Segundo Patrícia da Rocha Ibiapina, no seu trabalho de conclusão de curso, ela enfatiza que o episódio do boi assim como da burrinha tem relação com o meio social que o reisado está inserido, destacando que,

No nordeste é a figura do boi que caracteriza o Reisado como resultado de influencia do cenário sertanejo nordestino que, no período colonial, tinha a economia baseada na pecuária. O boi se tornou personagem importante tanto no folguedo do bumba meu boi como no Reisado⁵².

⁴⁹ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 19. Ed. 2006. p.25.

⁵⁰ Idem, p.52.

⁵¹ BARROSO, Op. cit. 2012.p.117.

⁵² IBIAPINA, Op. cit. 2012. p.23.

Sendo assim, para o senhor Antonio Borges Leal, da comunidade Sussuapara, realizar reisado sem os animais (principalmente a burrinha e o boi) é totalmente sem sentido a brincadeira ser apresentada, até porque, em sua opinião, eram justamente esses animais que estavam presentes na hora do nascimento do menino Jesus, o Senhor Antônio é mais enfático quando fala da função de cada entremeio dentro do seu reisado,

Por isso que nunca modifiquei as minhas figuras, principalmente a burrinha e o boi, são os animais que eu mais preservo, porque acho que eram eles que estavam presentes na hora do nascimento do menino Jesus. Mas possuo outras figuras de animais é claro, como a ema, lobisomem, ou seja, são essas figuras que nós nunca modificamos. Cada animal possui sua função dentro da brincadeira, o objetivo da burrinha é a poesia, porque ela exerce dentro do salão com os três caretas com cada um fazendo seus versos em sete linhas. O boi já faz parte de outro sistema de verso, fora do sistema de verso da burrinha é claro, a ema, também tem que cantar fazendo rima com ela, onde ela faz apresentação pra o povo. Já o lobisomem é o ultimo, a função dele é fazer esparro dentro da sala, ele quer brigar com todo mundo, brinca, briga, faz que mata, depois reza, levanta e cai fora do terreiro logo após ser expulso por alguma figura, podendo ser o velho, ou até mesmo um dos caretas⁵³.

Muitos Bois e Reisados introduzem bichos e entremeios não tradicionais, referenciados em ocorrências contemporâneas. Sendo assim, podemos notar que a ultima imagem que é o entremeio que representa um Urubu (figura 7), possui característica especifica, ou seja, faz parte somente do reisado realizado pelo o senhor José Cícero de Barros (seu Creu). Ou seja, o entremeio chamado urubu, em relação aos outros entremeios não é encontrados em ambos os reisados, diferentemente dos outros animais, que possuem características em comum.

Nesse sentido, o entremeio do Urubu, é especificamente pertencente à comunidade Bocolô, não se fazendo presente nos demais reisados analisados nesse trabalho, ficando nítida a possibilidade de mudança tanto na quantidade de entremeios dentro da brincadeira, como na performance.

⁵³ LEAL, Antônio Borges. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.



Figura 07: A burrinha, o boi, o Jaraguá, o lobisomem e o Urubu nos reisados Bocolô e Sítio Salvador.
Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

Perspectivas de mudanças e inovações, também são detectadas no trabalho de Paloma Sá de Castro Cornélio⁵⁴, onde a mesma identifica no seu trabalho, a quantidade de bichos e entremeios na comunidade de Caxias do Maranhão. Ela mostra que Os brinquedos, ou personagens variam um pouco entre os grupos visitados, a exemplo, de um dos donos de reis, chamado de Sebastião Chinês. O mesmo possui na sua brincadeira duas burrinhas, um boi, um jaraguaia, um babau, uma nega-véia ou cabeça de fogo, uma ema e um galo, que ia sair pela primeira vez no Natal de 2007.

Nesse tocante, podemos analisar o poder da cultura sobre determinada sociedade ou individuo, já que para José Luiz dos Santos, cultura diz respeito á humanidade de modo em geral e ao mesmo tempo a cada um das sociedades, povos, nações, grupo humanos entre outros. Sendo assim, o autor frisa que cultura,

Diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade [...] Quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, ás ideias e crenças, assim como as maneiras como eles existem na vida social⁵⁵.

O autor ainda é mais enfático quando analisa que cultura é um produto coletivo, e traz no seu bojo, um conjunto de lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições, esses fenômenos não dizem nada por si mesmo sem a cultura, e vai mais além quando diz que,

A cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produzida nessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada a manutenção de concepção, de forma de organização e de vida, quanto porque esta ligada á transformações deste. [...] as manifestações culturais não podem ser totalmente reduzidas às relações sociais de que são produto. Elas também têm sua dinâmica própria. A cultura é criativa⁵⁶.

⁵⁴ CORNELIO, Op.cit. 2005.p.3-4.

⁵⁵ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.25-26.

⁵⁶ SANTOS, Op. cit. 1994.p.66.

De acordo com os fatos analisados, podemos entender que cultura é um legado comum a toda humanidade, onde, “certamente a mais antiga e mais recente obra do homem é a cultura”. “Desde que existem como espécie até o estado atual, eles jamais deixam de produzir a cultura é em fim, indefinível. Mas é a única obra perene do homem. Sem essa grande obra, o que seríamos? Não é possível imaginarmos nosso destino⁵⁷”. Sendo assim, todas as mudanças ocorridas dentro do reísado analisados são válidos, até porque todas essas mudanças são características da cultura que a comunidade esta inserida.

⁵⁷ CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. São Paulo: Global, 1986.p.9.

3 LUTANDO E RESISTINDO AO TEMPO

3.1 O público

De certa forma analisar as mudanças e permanências dentro do reisado, não é uma tarefa fácil, até porque as mudanças podem acontecer a qualquer momento, seja por parte do dono da brincadeira, ou pela comunidade em que a brincadeira esta inserida. Mas de certa forma é preciso compreender, para que se façam tais análises, é preciso que a brincadeira, esteja presente e em ação, porque sem a preservação de tal manifestação, torna-se impossível fazer tais estudos e analises, por isso, que é importante que se faça com que a brincadeira não caia no esquecimento.

Sendo assim, o público é de certa forma, a peça chave para que o reisado nas comunidades estudadas (seja na macrorregião de Picos ou no Brasil), não caia no esquecimento e nem chegue ao seu fim. Assim, compreendemos que existem certos laços que unem os reisados e o público envolvido, até porque se não existisse público consequentemente não existiria reisado e vice - versa.

Sobre a importância do público e forma de se presenciar tal experiência cultural chamada reisado, é que o autor Luciano de Melo Sousa diz,

Todos são convidados a se alegrarem com os caretas e demais brincantes. Não é porque uma única pessoa convidou que somente ele e a família participarão do movimento. Por um lado, não é possível considerar um movimento de responsabilidade da comunidade [...], contudo, por outro lado, a sua participação é ampla e irrestrita. Se os brincantes vêm para uma casa da comunidade, todos aqueles que apreciam estão automaticamente convidados¹.

Da mesma forma enfatiza o sociólogo Oswald Barroso sobre a importância do público para a sobrevivência do Reisado, onde o mesmo destaca que o público alvo não possui um sexo ou idade específica. No qual, esses grupos comparecem em famílias, amigos, vizinhos, ou seja, tudo acontece entre amigos. Mas sem deixar de lado, que o mesmo espaço serve tanto para rever amigos, como para conhecer novas pessoas.

É o que diz o autor sobre a importância do público para o reisado,

Tanto quanto os brincantes, o público é elemento indispensável na brincadeira. Conhece o brinquedo e dele participa. Seu prazer é rever o conhecido, na forma inesperada como vai acontecer. Conhece os brincantes,

¹ SOUSA, Luciano de Melo. **As tradições rurais e a velhice**. Natal/ RN. 2012.

partilha com eles a mesma linguagem, os mesmos costumes, humores, gostos e sensibilidade. Faz parte do mesmo universo cultural².



Figura 08: O público assistindo o reisado em forma de círculo nas comunidades Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) e Bocolô (Picos)

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

O Senhor Samuel de Araujo Rocha, da comunidade Sítio Salvador, fala da sua experiência com o público que o assiste nas suas apresentações, onde ele destaca a forma de como o público recebe a brincadeira na sua comunidade de origem, além de destacar como isso acontece,

O reisado é uma brincadeira que sempre foi bem aceita pelo povo e pela comunidade. Às vezes a gente não consegue atender todos os convites que as pessoas pedem, mas sempre graças a Deus, fomos bem recebidos. Nosso reisado como eu já disse, foi sempre apresentado com uma multidão quase que inesperada, a cada dia tinha mais gente, a cada dia tinha mais participação, até porque, pra mim é uma das brincadeiras mais alegres que eu conheço até hoje³.

Da mesma forma, lembra o senhor Antonio Borges Leal, da comunidade Sussuapara, onde o mesmo enfatiza o caráter amigável que o seu reisado da sua comunidade tem para com o público, e ele vai mais além quando enfatiza que nunca foram rejeitados em hipótese nenhuma, até porque o pessoal da sua comunidade e comunidades vizinhas de certa forma adora o reisado,

Nunca fui rejeitado, toda uma vida fui aplaudido, toda uma vida fui convidado, sempre tive um prestígio dado pelo público graças a Deus, até porque como eu bem sei o público nosso é bastante variado, tem meninote, tem rapaz grande, tem moça, também tem adulto e velho, ou seja, daí da pra notar o quanto o pessoal gosta da nossa brincadeira, mas o mais importante

² BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento:** bois e reisados de caretas. Disponível em <http://www.oswaldbarroso.com.br/arquivos/orisobrincante.pdf>. Acesso em 10 de agosto. 2012. p.121.

³ ROCHA, Samuel de Araújo. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara – PI, 2013.

não é gostarem da brincadeira, é terem respeito pelo Santos Reis, e isso eles tem de sobra⁴.

De acordo com os fatos analisados, podemos notar que a maioria dos públicos envolvidos com os reisados, são moradores da mesma comunidade de origem do dono de reisado, ou seja, na maioria dos casos já conhecem o mesmo e a sua brincadeira. Nesse sentido, as pessoas não apenas conhecem o Reisado em seus detalhes, como também já participaram de algumas ou de várias apresentações. Por isso, são capazes de estabelecer relação de reciprocidade com os brincantes dentro das regras da brincadeira, dialogando e até mesmo participando da apresentação.

Mesma ideia comunga o autor Luciano de Melo Sousa, que é enfático ao afirmar, que o terreiro em que o reisado é apresentado, vai mais além do que um simples ambiente de lazer e entretenimento, ou seja, é mais do que isso é um ambiente de reciprocidade mútua,

A própria ausência de muros ou portões com cadeados ou fechaduras mostra que as fronteiras espaciais entre as casas são bastante flexíveis – o que faz com que, espacialmente, todos se sintam bem próximo daquele ambiente comunitário [...] além do que, um terreiro é um espaço amplamente utilizado para reunir as pessoas para papearem ou brincarem; não representa um espaço privado da família⁵.

De acordo com as informações anteriores, as arenas ou terreiros como são conhecidos, são constituídos de espaços amplos e bastante utilizados pelas comunidades dali pertencentes, até porque são ao mesmo tempo lugares de convivência familiar, como também ambiente de reciprocidade e de envolvimento entre as comunidades em que o reisado está inserido. Sem deixar de lado que são esses públicos, ao mesmo tempo, os responsáveis em parte pela perpetuação e resistência do reisado ao tempo.

3.2 A Criação do figural e entremeios e a forma de se manter o reisado

Como bem sabemos, para cada realização anual desses reisados, é notório a não participação e colaboração do poder público para com os donos de reis, ou seja, não há nenhuma espécie de ajuda dos poderes constituídos, cabendo apenas os donos de reis e a sua comunidade, arcar com os gastos da brincadeira, seja na parte estrutural, figural ou de vestimenta.

É o que frisa o senhor Antonio Borges Leal, da comunidade Sussuapara,

⁴ LEAL, Antônio Borges. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.

⁵ SOUSA, Op. cit. 2012. p.83.

Nós não recebemos ajuda de ninguém, ou seja, a gente paga pra fazer as vestes pra vestir as figuras, são os alfaiates daqui da comunidade que a gente paga pra elas fazer tudo e pagamos cara pra isso. Mas as figuras de madeira sou eu que faço, mas a exemplo do pano do boi, por exemplo, tem que ser bem projetada, a saia da burrinha, da ema, ou seja, todos os detalhes que cada figura tem nas vestimentas são os alfaiates que fazem. Seria ótimo se o prefeito ajudasse, mas não temos ajuda de ninguém, mas de qualquer forma nós não deixamos de brincar por causa disso⁶.

O mais interessante na análise dessas três regiões estudadas, é que não foi detectado nos respectivos reisados, o que Patrícia da Rocha Ibiapino, chamou de espetacularização do reisado, ou seja, a saída do reisado da sua comunidade de origem, para as apresentações em clubes fechados com cobranças de ingressos.

Na sua fala, a autora de certa forma detecta nos reisados analisados por ela, essa forma de se angariar recursos tanto para a brincadeira, como para as ornamentações, a autora frisa que,

A apresentação de reisado saiu das portas das casas – as aglomerações de gente formando o terreiro de apresentação em frente às casas - e migrou para os clubes, tornados recintos de festas. A festa que era externa, de rua, tornou-se espetáculo de ambiente interno, e as apresentações cobram uma portaria, com venda de ingressos para o evento⁷.

Embora a autora, analise outras regiões onde o reisado se faz presente, a exemplo das comunidades de Torrões, pitombeiras entre outras, já nas comunidades Bocolô, Sussuapara e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa) por mim analisados, essa prática ainda não se firmou e não deve se firmar tão cedo.

Nesse sentido, outras formas de se tentar angariar recursos para a manutenção ou até mesmo confecção de novas vestimentas por parte do dono de reis, são meramente iguais entre as comunidades analisadas Bocolô, Sussuapara e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa). Mas vale resaltar que essas formas de se tentar angariar recursos não têm como objetivo principal de fazer do reisado um meio de vida, mas sim de custear os gastos da brincadeira.

É o que diz o senhor Antônio Borges Leal da comunidade Sussuapara, quando relembra suas experiências como dono de reis e a sua forma de angariar recursos e manter a aparte estrutural e figural do reisado,

Quando eu comecei a brincar o reisado em 73, logo depois que eu saí da brincadeira dos outros e montei a minha própria brincadeira. Eu brincava e o

⁶ LEAL, Antônio Borges. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara – PI, 2013.

⁷ IBIAPINO, Patrícia da Rocha. **O folguedo reisado na macrorregião de Picos**. Picos: UFPI, 2012.p.38.

dono da casa que me chamava pra brincar na sua casa, me gratificava como ele queria hoje eu tenho um sistema de cobrar uma parte financeira porque mudou a estratégia, porque ninguém pode sair com uma brincadeira dessas pra passar vergonha, pra se montar é muito dependioso. Dou um exemplo, de quando eu fui brincar reisado na praça da bandeira em Teresina, lá tive que gastar nove centos e sessenta reais pra reformar minha brincadeira pra não passar vergonha. Sendo assim desde desse tempo que por isso eu insisto em receber uma gratificação, não faço isso pra fazer meio de vida é só pra manter meu reisado e não ter que acabar com ele.⁸

De forma não muito diferente, pensa o senhor Samuel de Araújo Rocha, quando especifica sobre a não cobrança de dinheiro, mas que deixa claro que aceitava toda ajuda possível de quem vier a contratar a sua brincadeira. Nesse sentido podemos notar que o mesmo não estipulava um valor específico, já que para ele é uma brincadeira, mas ao mesmo tempo é uma devoção aos santos reis, por isso não poderia cobrar um valor específico, pois o reisado não pode ser meio de vida pra ninguém, é o que enfatiza o senhor Samuel ao dizer,

Sempre as pessoas aonde a gente brincava na casa deles, eles sempre ajudavam e davam uma participação, mas essa participação não era marcada em quantidades. Era como uma ajuda pra manter o reisado em si, como ajudar a ajeitar uma fantasia, uma estrutura, uma locomoção, mas não era feita pra ganhar dinheiro e viver de reisado, mas sim para comemorar o dia de santos reis⁹.

Nesse sentido, podemos analisar as mudanças que vem ocorrendo no reisado da região da Macrorregião de Picos. Quando analisamos a memória do senhor José Cícero de Barros, notamos que algumas permanências fazem parte da vida e do cotidiano de quem brincava o reisado e não cobrava nada por isso. Para indivíduos como o José Cícero conhecido como seu Creu, que busca na festa de santos reis, pagar suas promessas e não fazer meio de vida, é que enfatiza,

No começo não tinha isso não, no meu tempo tinha as promessas que começavam a ser pagas no natal e finalizava no dia de reis, hoje em dia, se faz reis em qualquer tempo ou mês, ainda se o cabra não pagar, uns diz não eu não vou não. No meu tempo, o nosso pagamento era com besteira e tava boa de mais, assim como tem outros dono de reis do meu tempo que diz, reis é um pedaço de fumo, um pouco de pinga e de rapadura e vamos se embora. Pra mim, o importante é comemorar o dia de santos reis¹⁰.

Seguindo o exemplo de seu creu e os demais donos de reis, em relação a não cobrança de dinheiro, mais sim ajuda de custeio para a apresentação do reisado, podemos

⁸ LEAL, Antônio Borges. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara – PI, 2013.

⁹ Rocha, Samuel de Araújo. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara – PI, 2013.

¹⁰ BARROS, José Cícero de. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara - PI, 2013.

observar também no reisado de Balsas do Maranhão analisado por Raimundo Rajobac, que o mesmo apresenta algumas permanências e semelhanças com os reisados aqui estudados.

O autor vai mais além quando enfatiza o fervor de conotação devocional da comunidade de Balsas do Maranhão, sem deixar de lado as esmolas (que também não é uma quantia fixa), que fazem parte da prática de se tentar angariar recursos para manutenção do reisado,

O reisado se estende até o dia 06 de janeiro, dia dedicado aos santos reis. Durante esse período, um grupo liderado pelo pagador da promessa sai cidade a dentro tirando sua esmola por toda a noite, as cantadeiras, cantadores e sanfoneiros, vistam as casas, cantando o hino a santos reis, e recebendo a esmolas, que é oferecida de acordo com a disponibilidade de cada um. Esta é a rotina de todas as noites até que chegue o dia da festa¹¹.

Da mesma forma, o dinheiro arrecadado em forma de esmola por parte dos devotos de santos reis, tem como objetivo a peregrinação e a reza na casa de casa pessoa devota de santos reis. Onde a ajuda de custei arrecadado, tem o destino certo, ou seja, para a realização e comemoração do dia de santos reis, é o que podemos analisar no trabalho de Eloisa Brantes quando analisa a comunidade da chapada Diamantina – Bahia,

No dia 25 de dezembro e 6 de janeiro, os reiseiros peregrinam pelas comunidades rurais vizinhas entrando de casa em casa. O ritual da visita é baseado numa relação de troca material e espiritual entre os devotos, o dono -da- casa e o Santo Reis. Os devotos abençoam a casa com cantos sagrados e recebem dinheiro dos donos -das -casas para a realização da festa em homenagem ao Santo, que acontece no final do período de peregrinação¹².

O autor Raimundo Rajobac ainda frisa que a esmola recebida ao pagamento das despesas com os que prestam trabalho, tais como as cantadeiras, cantadores, sanfoneiros, os materiais usados nas ornamentações, e também as despesas do dia da festa, no qual o pagador da promessa oferece em sua casa uma pequena confraternização.

O autor ainda traz uma informação muito importante a cerca da perpetuação da prática do reisado, pois com concretização de uma promessa, o indivíduo às vezes promete tirar reis a vida inteira, é o que frisa o autor,

A motivação parte de uma pessoa, grupo ou família que faz a santos reis sua promessa. Aqui encontramos os critérios de duração da promessa, sua modalidade e como deve ser conduzida. O mais comum é que o sujeito interceda a santos reis em busca de curas, ou superação de determinada

¹¹ RAJOBAC, Op.cit. 2011.p.133.

¹² BRANTES, Eloísa. **A espetacularidade da performance ritual no reisado do mulungu (chapada diamantina – Bahia: Religião e sociedade, Rio de Janeiro,2007.p.25**

situação. O recebimento da graça concedida concorre para o pagamento da promessa feita aos santos. Cada agraciado paga sua promessa de acordo com o que prometeu. Existem pessoas que prometem tirar o reis por toda a vida, outras assumem por si e por toda família, o que acarreta compromisso por parte das gerações posteriores¹³.

De acordo com os fatos analisados anteriormente, podemos notar que mesmo com a falta de incentivo por parte da ação pública, os donos de reis buscam de certa forma a possibilidades de manter a tradição de santos reis existente por um tempo indeterminado. Nota-se no rosto de cada um desses donos de reisado, a satisfação de um dever cumprido, toda vez que se chega ao fim de mais uma jornada do reisado na sua comunidade de origem ou nas demais que solicitarem sua presença.

Essa mesma ideia nos remete a ideia da autora Paloma Sá de Castro Cornélio, onde a mesma frisa,

O fato de terem aspectos de seus costumes elevados a produto cultural é significativo. Não apenas pelo capital dispensado por parte do estado para esse tipo de manifestação artística; mas também pela visibilidade que essa esfera da vida das camadas populares os proporciona. São pessoas admiradas pela comunidade em que vivem pelo menos, no momento em que tem a oportunidade de expressar suas dimensões lúdicas, suas crenças, suas tradições¹⁴.

3.3 E a mulher pode participar?

Um ponto muito importante de análise dentro da experiência cultural chamada reisado, é a participação praticamente quase nula de mulheres dentro da brincadeira, onde as mesmas exercem dentro do reisado um caráter secundário, ou seja, no fabrico da vestimenta dos brincantes ou da organização da brincadeira.

Nesse sentido, podemos analisar que de forma algum essas mulheres atuam de forma efetiva dentro do reisado, pelo menos nessas três comunidades analisadas. Sendo assim, podemos analisar, que a parte de animação e de realização de fato da brincadeira fica somente a cargo dos homens, até mesmo na hora de representar uma mulher, a exemplo da Dama, que é representado por um homem travestido de mulher.

Ao indagarmos o porquê da não participação de mulheres dentro do reisado o senhor Antonio Borges Leal, da comunidade Sussuapara, é logo enfático dizendo que,

¹³ RAJOBAC, Op. cit. 2011.p.133.

¹⁴ CORNELIO, Op. cit. 2005.p.2.

No meu reisado mesmo, eu não tenho mulher que participa da brincadeira, minha brincadeira é toda com homem. Inclusive tem umas figuras (Damas) que faz apresentação de uma mulher, mas os brincadores são homens, mas essas figuras sempre fazem uma representação de mulher, mas o participante mesmo é homem. Na minha época mesmo nos anos 70 pra 80, a mulher se sentida muito acanhada em permanecer na brincadeira, inclusive fazendo o evento junto com homem dentro da sala. Muitas diziam que não enfrentavam porque tinham medo de ficarem mal faladas, tinha medo de alguém defasar o nome delas, mas se recusaram por causa disso, porque elas não eram mulher pra isso, elas eram mulher de respeito¹⁵.

Na tentativa de se tentar entender e explicar o porquê de certas diferenças sociais entre os homens e mulheres, a socióloga Carla de Castro Gomes, é enfática ao afirmar que se os homens e mulheres se comportam de formas diferentes é porque houve todo um processo de aprendizagem. Sendo assim, tanto os homens como a mulher aprenderam ao longo de toda uma vida a se comportarem de tais formas.

A autora é mais enfática ao afirmar que,

Homens e mulheres aprendem essas coisas nas instituições sociais, como a família, a escola, o mercado de trabalho, a igreja, a polícia, o ordenamento jurídico, a ciência. Todas essas instituições são organizadas por diferenças de gênero e, ao mesmo tempo, organizam o mundo e as pessoas segundo essas diferenças. A própria linguagem tem gênero. de modo que, quando olhamos em volta – as instituições pelas quais transitamos, as ruas, os corpos, as palavras, os objetos, os livros e dicionários – tudo nos diz reiteradamente que certas coisas são femininas e outras masculinas, certas coisas são para mulheres e outras para homens.¹⁶

Nesse sentido podemos notar que certas atribuições e divisões de tarefas por sexo, não são eminentemente uma coisa natural, própria do ser humano, mas sim, comportamentos apreendidos com o decorrer do tempo e passados de geração em geração. Dessa forma podemos compreender que esses comportamentos não são, portanto imutáveis e nem universais.

Para seu José Cícero de Barros, o seu Creu, a mulher não participa no reisado da sua comunidade porque o brincar reisado é eminentemente trabalho a ser realizado por homens, seu creu é mais enfático quando diz,

Na minha época os homens não chamavam, e logo também as mulheres não iam mesmo, na minha época as mulheres daqui eram muito acanhadas, além do reisado ser coisa pra homem mesmo. Por o reisado ser uma brincadeira

¹⁵ LEAL, Antônio Borges. **Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista**, Sussuapara - PI, 2013. Grifo meu.

¹⁶ GOMES, Carla de Castro. **Mulheres na política: igualdade de gênero?** *Revista Sociologia*, n.41, Ed. Escala. 2012. p. 16-17.

que às vezes só tinha hora pra começar, quando ficava muito tarde, quando a gente olha pra o lado, não tinham mais moças assistindo, acho que era por causa do horário. As mulheres tinham que dormir cedo, porque sabe como é as mulheres são diferentes dos homens, não podem fazer certas coisas e nem deveriam fazer¹⁷.



Figura 09: Homens travestidos de mulher na comunidade Bocolô (Picos) e Sítio Salvador (Santo A. de Lisboa)

Fonte: Arquivo pessoal de Wilson Paulo Batista

Seguindo essas mesmas ideias, a antropóloga Adriana Piscitelli, mostra no seu trabalho, que todas essas discussões pertinentes às diferenças sociais, políticas e econômicas entre o homem e a mulher, são de extrema importância, porque ao mesmo tempo, desconstrói ideias fixas sobre o suposto caráter natural da subordinação da mulher para com o homem. Senso assim, com essas novas abordagens, possibilita ao mesmo tempo, uma mudança na forma de como a mulher é percebida, ocasionando de certa forma mudanças no espaço social, por ela ocupado,

A autora é mais enfática ao afirmar que,

Essas abordagens questionam o suposto caráter natural dessa subordinação, sustentando, ao contrario, que ela é decorrente das maneiras como a mulher e construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído – ao não ser natural, inato, fixo – pode ser modificado. Portanto, alterando-se as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível, mudar o espaço social por elas ocupado¹⁸.

De acordo com os fatos analisados, podemos perceber que os reisados realizados nas comunidades analisadas, não fazem usos da participação de mulheres no seu contexto, embora

¹⁷ BARROS, José Cícero de. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.

¹⁸ PISCITELLI, Adriana. **Gênero:** A história de um conceito. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SQWAKO, José Eduardo. (orgs.), **diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009.p.133.

em outras localidades nos dias de hoje a realidade seja outra. Sendo assim, já existe de certa forma, uma maior participação de mulheres dentro dos reisados.

Mas o antropólogo Oswaldo Barroso, enfatiza que ao analisar alguns reisados no Estado do Ceará, percebeu que mesmo com algumas participações de mulheres dentro do reisado, ainda é forte o preconceito sobre a mesma em participar ativamente no reisado, destacando o senhor Nonato dono de reis de uma das comunidades, onde ele fala que,

A elas só é destinada uma função secundária, como explica o mesmo Nonato: “Agora tem que ter aquela mulher pra pintar aquelas Dama tudim, botar rouge, batom, ajeitar a roupa toda.” Mas nos repentes, loas e relaxos o lugar reservado para as mulheres é secundário e revela preconceitos correntes na sociedade.

Nesse sentido, podemos perceber que certas funções e atribuições que o homem tenta impor sobre a mulher, não passam de construções acometidas pela diferença de gênero, isso quer dizer que “essas diferenças não tem pesos iguais, mas são assimétricas ou hierarquizadas. Gênero, portanto, produz não penas diferenças, mas desigualdades¹⁹.” Mas vale resalvar, que todas essas construções de desigualdade, hierarquia, são maleáveis, ou seja, passíveis de serem mudadas e remoldadas a qualquer momento.

3.4 Repassando um dom adquirido

De acordo com cada dono de reis analisados nas suas respectivas comunidades e regiões, podemos notar que um dos maiores interesse de cada individuo brincante, é a preocupação de se manter o reisado em plena atividade. Nesse sentido, notamos que cada comunidade aprendeu formas de angariar recursos próprios para manter a brincadeira, além da forte união entre dono de reis e o público que a brincadeira esta inserida.

Porém há um detalhe a ser mencionado, nenhum dos donos de reis analisados nesse trabalho, tem a preocupação em repassar segundo eles, o seu dom brincante, para seus posteriores, ou seja, filhos, sobrinhos ou netos.

É o que o senhor Samuel de Araújo Rocha fala sobre esse detalhe,

Espero que o reisado nunca acabe e que sempre tenha pessoas interessadas em brincar reisado, mas atualmente eu não ensino meus filhos e nem meus netos a brincarem reisado, mas acredito que por se tratar de uma brincadeira

¹⁹ PISCITELLI, Op. cit. 2009,p.17.

que jovens e velhos gostam, sempre tem alguém interessado em participar, mas hoje eu não tenho preocupação em repassar os meus ensinamentos²⁰.

Da mesma forma, o senhor José Cícero de Barros, da comunidade Bocolô fala sobre a sua preocupação de manter viva a brincadeira dentro da comunidade que o mesmo está inserido. Mas vale resaltar que o senhor José Cícero, vai de encontro com a fala do senhor Samuel, onde o mesmo diz que não tem preocupação em repassar o seu dom brincante,

Não tenho preocupação porque os meninos daqui de casa não tem interesse, meus netos preferem fazer outras coisas, eu também não vou forçar, até porque brincar reisado tem que ser uma coisa não obrigatória. Por isso que enquanto eu estiver vivo, continuo organizando reisado, os mais novos podem até não querer participar, mas enquanto eu tiver forçar nas pernas eu organizo reisado²¹.

Para o sociólogo Luciano de Melo Sousa, o reisado mesmo com suas reformulações, mudanças no decorrer do tempo, advindos das inovações da modernidade, mesmo assim o antigo dono de reis consegue enxergar e sentir o reisado como reisado, é o que o autor diz,

É nesse sentido que defendemos a ideia da tradição que se reinventa, que dialoga com as pressões externas e contemporâneas. O sentido de reinventar-se diz respeito a esse processo de troca dom os fatos sociais da modernidade: mesmo ao dialogar com o tempo contemporâneo, os moradores mais antigos da comunidade ainda identificam o reisado como reisado. Possui características novas, mas ainda assim permanece reisado²².

De acordo com Oswald Barroso, a maioria dos participantes do reisado, a sua forma de brincar reisado, veio através dos ensinamentos dos pais, sendo uma das formas mais frequentes de se iniciar no reisado. Podem também acontecer que outros donos de reis ou brincantes, aprendam com outros familiares, tios e irmãos, na maior parte das vezes.

Nesse sentido o autor, nos alerta que numa família de brincantes, o reisado é brincadeira infantil, iniciada na vida da criança desde cedo. Sendo assim, podemos entender que se não houver um contato maior entre o jovem com a brincadeira, esse jovem dificilmente vai se interessar em praticar de tal experiência cultural. E nesses casos aqui analisados, não esta havendo uma preocupação maior por parte dos donos de reis em repassar os seus ensinamentos para as posterioridades, uns alegam falta de incentivo, ou por falta de interesse do jovem mesmo.

²⁰ Rocha, Samuel de Araújo. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara – PI, 2013.

²¹ BARROS, José Cícero de. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara - PI, 2013.

²² SOUSA, Op. cit. 2012. p.179.

É o que frisa o senhor Antonio Borges Leal, sobre a não preocupação de não se passar o seu dom brincante para o mais jovem, sejam seus filhos ou netos, é que o mesmo destaca alguns dos empecilhos, referente ao repasse de ensinamentos,

Esse povo mais novo não quer saber dessas coisas antigas, dizem logo que não vão brincar essa brincadeira fraca, acho que com tanta festa, tanta música, a juventude quer saber é disso. Quando você encontra um que quer, tem uns cinquenta dizendo que não quer aprender a brincar. Por isso, que eu digo que só peço a Deus, que eu tenha força e resistência pra agir o meu reisado, enquanto eu tiver força eu vou agir o reisado. Queria que meus netos se interessassem sobre a brincadeira, mas hoje em dia eles não se interessam muito²³.

De acordo com os fatos mencionados, podemos perceber e analisar que de certa forma existem uma preocupação por parte do dono de reis em manter viva tal experiência cultural, mas que ao mesmo tempo não existe de certa forma, um interesse maior de se passar os seus ensinamentos adquiridos para os mais jovens. Os donos de reis alegam falta de interesse dos mais jovens, além do mais, a falta de recurso e falta de incentivo por parte dos poderes governamentais para com a experiência cultura reisado.

Sendo assim, esperamos que tal cultura nunca chegue ao seu fim, mas pelo contrário, que seja reconhecido como importante legado da cultura brasileira e mundial, como também importante legado da memória coletiva na qual o reisado está inserido. Sendo assim, esperamos que os ensinamentos, práticas e as memórias dos mais velhos, seja o núcleo base de permanência da cultura chamada reisado, que ao mesmo tempo luta, resiste e se reinventa a cada ano em comemoração ao dia de Santos reis.

²³ Leal, Antônio Borges. Depoimento concedido a Wilson Paulo Batista, Sussuapara – PI, 2013.

CONCLUSÃO

Nessa fase final de conclusão de pesquisa, apresentamos e ao mesmo tempo aprendemos, que o historiador quando não possui ou não faz usos de fontes escritas, é totalmente possível fazer usos de outras possibilidades de análises históricas. Ou seja, mesmo com a falta delas, “com tudo que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo com as palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas”¹. Por que tudo isso pertence ao homem e se isso tudo pertence a ele, então é totalmente passível de estudo.

Nesse sentido, analisar o reisado nessas três regiões, Bocolô (picos) Sussuapara (PI) e Sítio Salvador (santo A. De Lisboa), a partir das memórias dos donos de Reisados, que ali residem e que fazem da sua experiência cultural um momento de alegria, descontração, amizade e fé, para com as comunidades em que eles estão envolvidos. Possibilita ao mesmo tempo, dar a oportunidade do historiador pesquisador, de fabricar o seu mel, ou seja, sua fonte histórica.

Através das muitas memórias desses donos de reis, aprendemos que o reisado de certa maneira possui um legado indescritível para a memória social da humanidade. Pois é a partir dessas muitas memórias e da discussão teórica pertinente a essas formas de lembrar, que podemos analisar as suas maleabilidades e permanências no decorrer do tempo. Nesse sentido, é a partir desses estudos que podemos compreender através de quem organiza e põe em prática a brincadeira, o seu verdadeiro significado, a sua importância e o seu valor cultural para o meio em que o reisado está inserido.

Senso assim, através dessas muitas memórias desses três donos de reisados, podemos perceber compreender e entender as forma como se aprende se brinca, se organiza os reisados, levando em conta, as maleabilidades, mudanças e permanências que a cultura reisado sofre com o passar dos anos. Ou seja, sempre permanecendo, sobrevivendo e até mesmo se reinventando a cada ano que a brincadeira é obrigada a aparecer.

Para a análise dessas permanências e mudanças entre essas regiões estudadas foram disponibilizados uma gama de trabalhos de âmbito acadêmico espalhados pelo Brasil, referente a outras regiões que preservam e praticam tal experiência cultural chamada de Reisado. Nesse sentido, é através desses estudos acadêmicos em outras regiões feitas por autores que analisam tal prática cultural, que nos possibilitou um maior entendimento,

¹ LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**, In: História e memória. 4. Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1996. .p.540.

compreensão e aprendizagem, de como funciona a forma de se brincar, de aprender e cultivar o dia de Santos reis.

Vimos também, através desses estudos referentes a outros autores que trabalham sobre o tema, que as mudanças e as permanências dentro do reisado, são características de cultura, pois como bem sabemos cultura por si só é algo maleável e plástico. Notamos que existem reisados de formas variadas, como Reisado de Caretas, Reisado de Congo, Reisado de Damas entre outros que vierem a surgir, porque como foi dito reisado é cultura.

Foi possível também analisar através dessas discussões de outros autores referentes ao reisado, à forma de como o reisado é praticado, ou seja, na sua forma tanto brincante de caráter Jocosos, como também uma forma de caráter extremamente devocional. Aonde vimos que tanto nas três regiões analisadas neste trabalho, como nas outras regiões, nos possibilitou enxergar com maior clareza a possibilidade de mudança que o reisado pode alcançar no decorrer do tempo.

Vimos que nas outras regiões estudadas no Brasil, que o reisado pode possuir várias outras denominações, a exemplo da Folia de Reis, Terno de Reis ou Janeiras, são praticamente a mesma manifestação. Essas outras denominações, tem como base comum, a alusão aos três reis magos (Baltazar, Melquior e Gaspar), e que trás na sua estrutura, praticamente a mesma conotação de visitação de casa em casa, em homenagem ao dia de santos reis.

Notamos também através dessas análises, que o número de brincantes pode variar e aumentar de acordo com cada comunidade, assim como a parte Figural dos caretas (que representa os reis magos), podendo variar de quantidade. Assim como também a parte animalisca da brincadeira, podendo essa última apresentar entremeios pertencentes a uma determinada comunidade e a outra não, (como é o caso do entremeio do Urubu na comunidade Bocolô e que não se faz presente nas outras duas comunidades estudadas).

É de suma relevância, a confecção de trabalhos como essa monografia, para análise, compreensão e entendimento de experiências culturais, não somente com o reisado, mas toda e qualquer cultura manifestada pelo homem, pois como bem sabemos o reisado não é a única prática cultural realizada na região. Mas é a partir dessa prática de análise que nos possibilita ao mesmo tempo, compreendermos as formas de lutas e resistências que os donos de reis praticam para que a brincadeira não caia no esquecimento pelos posteriores e conseqüentemente chegue ao seu fim.

Ao estudarmos os reisados a partir das memórias dos donos de reis, em que a brincadeira esta inserida, notou-se que a comunidade exerce o seu papel de Mantenedora da

experiência cultural. Pois sendo assim, a mesma fornece subsídios que extrapolam a linha do tempo referente ao reisado, ou seja, criam de certa forma uma barreira natural de permanência e resistência do reisado ao tempo.

Podemos assim entender, que se tratando de cultura, todos os reisados analisados, possuem suas peculiaridades, mas isso não quer dizer, que não possam de certa forma, possuírem características semelhantes em alguns pontos. A exemplo, da não participação de mulheres nos três reisados analisados, as diversas formas de se angariar recursos para a manutenção e construção de vestimentas, estruturas e entremeios, figural e animalesco. Sem deixar de lado à forma de se repassar a forma de brincar reisado para os posteriores. Como vimos á de certa forma uma semelhança entre os donos de reis nesse ponto.

Como foi mencionado anteriormente logo acima, o reisado não é a única manifestação cultural realizado na Grande Região de Picos, temos outras manifestações que podem ser analisadas e estudas em caráter mais aprofundado, cabendo somente ao historiador buscar trabalhar as suas potencialidades.

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos compreender que esse trabalho de conclusão de curso, pode ser fonte de outras pesquisas mais aprofundadas, onde o futuro pesquisador poderá abordar temas como a mulher dentro do reisado; O reisado pode de certa forma ser estudado e analisado como teatro nômade, podendo também ser abordado somente o seu teor religioso. Sendo assim, o reisado por si só, possui uma gama de possibilidades de pesquisa, cabendo somente ao futuro historiador pesquisar e retratar o reisado de forma mais abrangente e aprofundada.

FONTES E REFERÊNCIAS

a) Entrevistas

BARROS, José Cícero de. **Entrevista concedida à Wilson Paulo Batista**. Picos (PI), 3 de Maio 2013.

BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Disponível em <http://www.oswaldbarroso.com.br/arquivos/orisobrincante.pdf>. Acesso em 10 de agosto. 2012. p.121.

LEAL, Antonio Borges. **Entrevista concedida à Wilson Paulo Batista**. Sussuapara (PI), 4 de jul. de 2013.

ROCHA, Samuel de Araújo. **Entrevista concedida à Wilson Paulo Batista**. Sussuapara (PI), 2 de jul. de 2013.

b) Artigos, Livros, Monografias

A Nova História Cultural: **Origens, Conceitos e Críticas**.
<http://www.fundacaoastrojildo.com.br/index.php/politica-e-cidadania/1747-a-nova-historia-cultural-origens-conceitos-e-criticas>: Acesso em 04 de julho de 2013.

AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 08 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BESSELMAR, José van den. **Introdução aos estudos históricos**. 5. Ed – São Paulo, EPU, 1979.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Théo. **O reisado Alagoano**. Alagoas: Editora UFAL, 1953.

BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929 – 1989): **A revolução francesa da historiografia**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BURKE, Peter. **História como memória social**, In: Variedades de história cultural. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

CORNELIO, Paloma Sá de castro. **De santos reis ao papai Noel: processos de modernização no natal maranhense.** Trabalho apresentado na 26º reunião de antropologia. Porto seguro – Bahia, 2005.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta.** 2. Ed. Recife: Gráfico Ed. Nordeste, 1995.

GOMES, Carla de Castro. **Mulheres na política: igualdade de gênero?** *Revista Sociologia*, n.41, Ed. Escala. 2012. p. 16-17.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006 *anhia das letras*, 1994.

História cultural. Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_cultural: Acesso em 04 de julho de 2013.

HOURS, Joseph. **O Valor da História.** Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1979.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** 2. Ed. – São Paulo: Martin Fontes, 2001.

IBIAPINO, Patrícia da Rocha. **O folgado reisado na macrorregião de Picos.** Picos: UFPI, 2012.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Micro-História.** Site: <http://www.infoescola.com/historia/micro-historia/>: Acesso em 14 de julho de 2013.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento,** In: História e memória. 4. Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1996.

LEAL, Antonia santos; MOURA, Ana Regina Barros Leal; NETA, Francisca dos Santos. **Folclore de Picos.** Picos: FUFPI, 1988.

LUZ, Edimar. **Recordando o reisado.** <http://www.portalfcs.com.br/imprime.php?id=6464>. Acesso em 14 de agosto de 2013.

Microhistória. Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microhist%C3%B3ria> : Acesso em 13 de julho de 2013.

NUNES, Cícera; VIDEIRA, Piedade Lino. **O reisado: expressão da cultura de base africana no cariri Cearense.** XI congresso Luso Afro Brasileiro de ciencias sociais, Diversidades e (des)ilgualdades. Salvador.2011.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral.** História oral, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. Jan./Jun. 2005.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: A história de um conceito.** IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SQWAKO, José Eduardo. (orgs.), **diferenças, igualdade.** São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**: estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

RAJOBAC, Raimundo. **Religiosidade popular**: reisado em balsas (ma), experiência do sagrado. Revista Espaço Acadêmico – nº 118 – março de 2011.

RANKE apud ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed, 2001.

REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **História oral**: vozes, narrativas e textos. Cadernos de História. N.6.2007.

SOUSA, Luciano de Melo. **As tradições rurais e a velhice**. Natal/ RN. 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo:Paz e Terra, 1998.